

hallceart

#09

Centro completa 40 anos de história
Ceart Aberto ao longo do tempo
Arte pública em preservação
Ceart de A a Z

Artes Cênicas • Artes Visuais • Design • Moda • Música

hallceart

#9 2025/2026

revista de distribuição gratuita



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



CEART
CENTRO DE ARTES, DESIGN E MODA







Fachada do Ceart. Foto: Fernanda Ferreira

Viva o Centro de Artes, Design e Moda da Udesc!

Em 2025, o Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) celebrou quatro décadas de história, criatividade e inovação. Fundado oficialmente em 11 de dezembro de 1985 – por meio da portaria nº 179/85, assinada pelo reitor Lauro Zimmer –, ao longo de sua trajetória o Ceart se consolidou como um espaço plural e de formação de excelência.

É nesse contexto que nasce a 9ª edição da revista Hallceart, lançada em janeiro de 2026. Esta edição abre com um olhar sobre as comemorações do aniversário do Ceart, incluindo a solenidade que marcou essa data histórica. Ao longo das páginas seguintes, convidamos você a conhecer projetos e ações de ensino, pesquisa e extensão destacados pelos cinco Departamentos — Artes Cênicas, Artes Visuais, Design, Moda e Música —, além de iniciativas interdisciplinares e de gestão.

E tem novidade: inauguramos a seção “Ceart de A a Z”, criada para apresentar, de forma leve e breve, um pouco do universo que compõe nossa unidade.

Desejamos uma ótima leitura! ■

Foto de capa



Varal de fotos capturadas por meio de técnica de fotografia lambe-lambe, em atividade do Ceart Aberto à Comunidade de abril de 2025.

Fotos de entrada e saída



Ceart na década de 1980 e registro atual do centro, em 2025.
Fotos: acervo Udesc.

quem faz o quê?

Revista Hallceart

Janeiro de 2026 | 9ª Edição
Distribuição gratuita | Periodicidade: bial

Universidade do Estado de Santa Catarina

Reitor: José Fernando Fragalli
Vice-Reitora: Clerlei Bier

Centro de Artes, Design e Moda

Diretor-Geral: Lucas da Rosa
Diretora de Administração: Eliâne Carin Hadlich
Diretor de Ensino de Graduação: Diego de Medeiros Pereira
Diretora de Extensão, Cultura e Comunidade: Alicia Cupani
Diretor de Pesquisa e Pós-graduação: Vicente Concilio

Conselho Editorial

Presidentes

- Daiane Dordete Steckert Jacobs
- Lucas da Rosa

Editora

- Carolina Teixeira Weber Dall'Agnese | MTB 13080/RS

Diretor de Arte

- Igor Reszka Pinheiro

Representantes Docentes

- Iceia Silveira
- Maria Raquel da Silva Stolf
- Anelise Zimmermann
- Paulo César Balardim Borges

Representantes Discentes

- Gabrielle Cardoso Otto
- Mariana Escobar Torres
- Laura Gassner Brait
- Luana Nienkötter
- Sofia de Melo e Silva

Projeto Gráfico

- Camila Meyer
- Mariele Fantini

Edituração e Design Gráfico

- Igor Reszka Pinheiro
- Gabrielle Cardoso Otto
- Luana Nienkötter
- Laura Gassner Brait
- Sofia de Melo e Silva
- Mariana Escobar Torres

Textos

- Carolina Teixeira Dall'Agnese
- Heloise Baurich Vidor
- Isabella Silveira da Rosa
- Isadora Pavei
- Júlia Fernandes Lacerda
- Maria Eduarda de Souza
- Pietra Simioni
- Tereza Mara Franzoni
- Túlio Fernandes Silveira
- Valentina Orlandi

Impressão

Gráfica AS
Tiragem: 500 exemplares
80 páginas

Contato

Núcleo de Comunicação do Centro de Artes, Design e Moda da Udesc

Av. Madre Benvenuta, 1907
Itacorubi, Florianópolis/SC
+55 (48) 3664-8350
comunicacao.ceart@udesc.br

Saiba mais

🌐 www.udesc.br/ceart
f facebook.com/udesc.ceart
@ instagram.com/udesc.ceart
📺 youtube.com/udescceart
📺 flickr.com/udesc_ceart
📺 tiktok.com/@udesc.ceart

*Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores

no
hall

**Ceart completa 40
anos de história**

08

Referência em ensino, pesquisa e extensão, centro comemora com solenidade no TAC.

**Ceart Aberto ao
longo do tempo**

14

Como o evento se transformou até chegar ao formato atual em conexão com a comunidade.

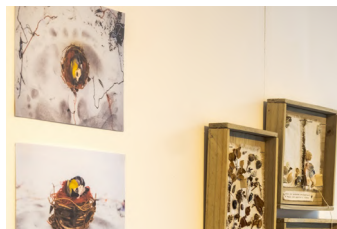
artes
VISU
AIS



**Valorização e
formação docente**

18

Parceria entre Ceart e AAESC fortalece defesa do ensino da arte no estado.



**Primeira edição do
Simpósio PAC**

22

Evento reuniu pesquisas de docentes e discentes sobre a arte contemporânea.

artes
cêni
cas



**Mostra do 13º
Fazendo Gênero**

26

Com temática variada, programação contou com apresentações de arte e cultura.



**A dialética dos
encontros**

30

Seminário de Pesquisa em Artes Cênicas (SPAC) é realizado desde 2011.

desi
gn

34



Design completa 30 anos

Primeiro curso na área em Santa Catarina iniciou em 1996.

**Célio Teodorico
dos Santos**

40

Professor foi o primeiro designer a ingressar como docente efetivo na Udesc.

mo
da**Pós em Design de
Vestuário e Moda****42**

Doutorado profissional da Udesc é pioneiro em sua área de concentração no país.

**Inclusão na
passarela****46**

Projeto de extensão produz peças adaptadas a pessoas com deficiência.

mú
si
ca**Memórias da
Música na Udesc****50**

Entrevista com a professora Maria Bernardete Póvoas sobre a história do Departamento.

**A excelência do
PPGMUS em foco****54**

Programa de Pós-Graduação é referência em qualidade acadêmica, técnica e ética.

no
hall**Dança, inovação e
acolhimento****58**

Projeto integra arte e inclusão social.

**Arte pública em
preservação****61**

Iniciativa de restauro de obras também promoveu formação para a comunidade acadêmica.

**Prêmio Nudha Ceart
de Diversidades****64**

Ação inovadora amplia oportunidades para grupos marginalizados na arte.

**Sala de Aula
em Cena****68**

Mostra Skholé chega à 3ª edição.

de
AaZ**72****Ceart de A a Z**

Nova seção da revista mostra um pouco do universo do Centro de Artes, Design e Moda da Udesc.



Fachada
do centro.
Foto: Luana
Nienkötter

Centro de Artes, Design e Moda completa 40 anos de história

Referência em ensino, pesquisa e extensão, ao longo de sua trajetória Ceart contribui para o fortalecimento dos setores criativos, culturais e tecnológicos da sociedade

Carolina Weber Dall'Agnese, Núcleo de Comunicação

Um ambiente acadêmico que estimula a criatividade, o pensamento crítico e a liberdade de expressão – e que é, ao mesmo tempo, desafiador e acolhedor. Segundo o diretor-geral, professor Lucas da Rosa, essas são algumas das características mais marcantes do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que em 2025 completou quatro décadas de história.

Para o docente, estar à frente da unidade de ensino nesse momento é uma honra e também uma imensa responsabilidade. “Sinto-me privilegiado por integrar esse legado e por poder colaborar na continuidade de um trabalho que forma e inspira novas gerações de profissionais”, afirma. “A celebração não é apenas um olhar para o passado, mas

também uma oportunidade de projetar o futuro — um futuro pautado pela inovação, pela inclusão e pelo compromisso permanente com a excelência no ensino”, completa o dirigente.

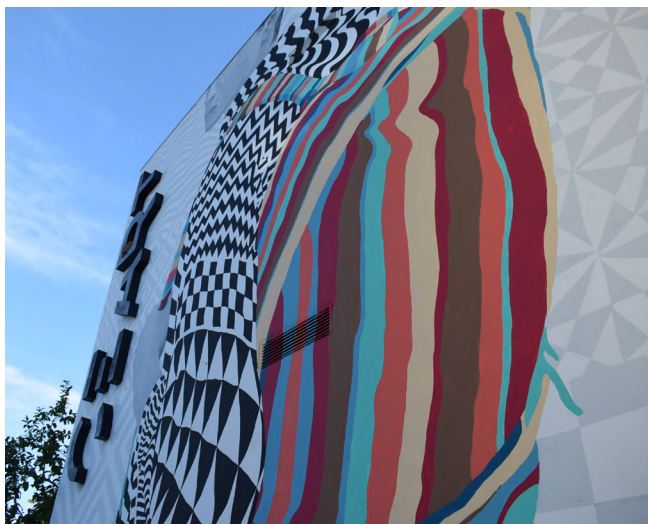
Ao longo de 40 anos, o Ceart consolidou-se como referência em ensino, pesquisa e extensão, dialogando com as tendências globais sem perder de vista a identidade e as necessidades locais. Ao oferecer formação de qualidade, pública e gratuita, contribui para o fortalecimento dos setores criativos, culturais e tecnológicos da sociedade.

O centro se destaca não só pelo que proporciona a seus estudantes, mas também pelas inúmeras atividades abertas ao público – eventos artísticos e culturais, palestras, cursos, oficinas, entre muitas outras. “Somos uma unidade que se orgulha da forte conexão com a sociedade, seja por meio de parcerias com instituições culturais, seja pela atuação da comunidade acadêmica em projetos que

geram experiências significativas no convívio social”, destaca Lucas da Rosa.

Atualmente, o centro oferece oito cursos de graduação: Artes Cênicas (Licenciatura), Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura), Design Gráfico (Bacharelado), Design Industrial (Bacharelado), Moda (Bacharelado) e Música (Bacharelado e Licenciatura). Na pós-graduação, são mais 11 cursos: mestrados e doutorados nas áreas de Artes Cênicas, Artes Visuais, Design, Moda e Música, além do mestrado profissional em Artes (Prof-Artes).

Mais de 1.050 estudantes de graduação e 467 de pós-graduação estão vinculados hoje ao Ceart, que conta com 74 professores efetivos e 53 substitutos (dados de dezembro de 2025). Um total de 55 servidores técnicos efetivos integra a estrutura de pessoal do centro. A infraestrutura é composta por diversos prédios distribuídos em aproximadamente 11 mil m² de área construída.



1. Mural feito por Medianeras Murales no Ceart em 2018. Foto: Linda Inês Lima. 2. Estudantes do Ceart. Foto: Sofia Melo



Vídeo institucional

Para marcar as celebrações, o centro lançou um novo vídeo institucional que foi exibido à comunidade acadêmica pela primeira vez durante as formaturas de fevereiro de 2025. O filme contou com a participação de estudantes e docentes dos cinco departamentos: Artes Cênicas, Artes Visuais, Design, Moda e Música. O Núcleo de Comunicação do centro foi responsável pelo roteiro, produção e acompanhamento das gravações. Já a captação de imagens e a edição foram realizadas por uma produtora de vídeo contratada por meio de licitação.

Julia Gouveia Lima foi uma das estudantes que participou da produção. Para ela, vivenciar os 40 anos do centro foi um marco em sua trajetória acadêmica. “Poder estar aqui comemorando a vida desse centro é muito importante para mim, ainda mais estando envolvida na organização de muitas atividades comemorativas. Sou grata por esse



Arcos do Ceart. Foto: Mariana Torres

espaço que resiste a cada ano e se transforma, se tornando cada vez maior, melhor e trazendo oportunidades para todos os artistas que sonham com uma boa formação”, diz a graduanda do bacharelado em Design Gráfico.

Atividades comemorativas e solenidade

Iniciativas alusivas à celebração das quatro décadas do Ceart foram organizadas ao longo de todo o ano de 2025. A principal delas aconteceu na noite de 11 de dezembro, com uma solenidade no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC), centro de Florianópolis. O evento contou com a presença do reitor da Udesc, professor José Fernando Fragalli, e reuniu comunidade acadêmica, autoridades e convidados.

A comemoração incluiu uma homenagem a 34 servidores – entre técnicos, docentes e terceirizados – em reconhecimento à sua contribuição para o desenvolvimento da unidade de ensino. Também foram realizadas apresentações organizadas por projetos e programas vinculados ao centro. Na programação, estavam a peça “Entre o Céu e a Terra: uma patacoada teatral em dois atos e uma chegada”, fruto do trabalho de estudantes da Licenciatura em Artes Cênicas, e os espetáculos do Núcleo de Flautas Doce (Aulos), Madrigal e Orquestra Acadêmica da Udesc. ■

Saiba mais

- 🌐 www.udesc.br/ceart
- 🌐 www.udesc.br/ceart/comunicacao/videoinstitucional
- 📷 [@udesc.ceart](https://www.instagram.com/udesc.ceart)
- 🎵 [@udesc.ceart](https://www.instagram.com/udesc.ceart)
- 📺 [/udesc.ceart](https://www.facebook.com/udesc.ceart)



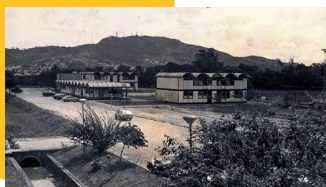
Fotos da solenidade de 40 anos do Ceart. 1. Homenagens do Departamento de Moda. 2. Peça teatral “Entre o Céu e a Terra”. 3. Núcleo de Flautas Doce. 4. Madrigal Udesc. 5. Orquestra Udesc. Fotos: Núcleo de Comunicação

Quatro décadas de Ceart

Confira fatos que marcaram a história do Centro de Artes, Design e Moda da Udesc

1985

Criação do Centro de Artes da Udesc por meio da portaria nº 179/85, de 11 de dezembro.



1986

Criação da habilitação em Artes Cênicas para o curso de Educação Artística da Udesc, que possuía as habilitações em Artes Plásticas, Desenho e Música.



1989

Udesc se torna pública e gratuita e primeiros concursos para admissão de docentes são realizados.

1990

Ampliação dos prédios do centro.

Início da pós-graduação, com oferta de cursos *lato sensu*: foram oito até 1998.



1994

Criação dos bacharelados em Artes Plásticas e Música.

Inauguração do prédio da Música, primeiro bloco de alvenaria do Centro de Artes.



1996

Ingresso das primeiras turmas dos cursos de bacharelado em Moda e bacharelado em Design (habilitações Programação Visual e Projeto de Produto).



1998

É realizada a inauguração do Teatro de Arena.

2000

Bacharelados em Design e Moda: primeiras formaturas.

2002

Pós-Graduação em Artes Cênicas: início mestrado PPGAC.

2005

Pós-Graduação em Artes Visuais: início do mestrado no PPGAV.

2006

Inauguração prédio do Departamento de Artes Visuais.

Música: criação do PPGMUS.

2008

Artes Visuais: criação da Licenciatura e do Bacharelado.

2009

Centro conquista Medalha do Mérito “Cruz e Sousa”, concedida a entidades que contribuem para o patrimônio artístico catarinense.

2011

Início do PPG em Design.

Primeiro Octa Fashion é realizado pelo Departamento de Moda.



2014

Primeiro Ceart Aberto à Comunidade. A partir de 2018, o projeto muda de formato e passa a ser realizado pela DEX.

2014

Udesc passa a ofertar o Mestrado Profissional em Artes em rede nacional, o Prof-Artes.

2017

Primeira turma de mestrado em Moda no PPGModa.

2018

Ceart realiza primeira edição do Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler (FIK).

2022

Conselho Universitário (Consuni) aprova a inclusão das palavras “Design” e “Moda” ao nome do centro, que passa a se chamar Centro de Artes, Design e Moda.

2025

Primeira turma ingressa no Doutorado em Design de Vestuário e Moda.

Ceart completa **40 anos!**





Feiras em frente ao Ceart na edição “Arte de Criança”, em 2025. Foto: Mariana Torres

Ceart Aberto: espaço de encontro entre universidade e comunidade

Projeto se transformou ao longo do tempo até chegar no formato atual e reforça papel da extensão na Udesc

Isabella Silveira da Rosa, Núcleo de Comunicação

Ao longo dos anos, o projeto de extensão Ceart Aberto à Comunidade possibilitou que o Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) ampliasse sua inserção social e cultural. Hoje, transforma os sábados em que é realizado em dias de lazer, trocas e aprendizados.

A professora Alicia Cupani, atual diretora de Extensão, Cultura e Comunidade (DEX), destaca a relevância da iniciativa. Para ela, o projeto fortalece o vínculo entre universidade e sociedade ao abrir espaço para o intercâmbio de saberes e a valorização da produção artística e cultural. “É um momento muito importante para a comunidade entrar na universidade e sentir que também é parte, conhecer a beleza do nosso campus e, mais

que isso, conhecer um pouco do nosso trabalho”, diz a docente.

As atrações do evento têm como foco principal apresentar as atividades desenvolvidas pelos cinco departamentos do Ceart – Artes Cênicas, Artes Visuais, Design, Moda e Música –, por meio de apresentações, espetáculos, oficinas, exposições, espaços interativos e outras atividades. A programação inclui também ações propostas pelo público externo, além de abrir espaço para feiras de arte, artesanato, moda e gastronomia.

Para a professora Neide Schulte, que esteve à frente da DEX por quatro anos, valorizar a produção acadêmica é o ponto principal do evento. “É muito importante para a universidade, pois mostra realmente o que se faz aqui dentro e que a arte é, sim, uma área de produção de conhecimento. Isso faz a sociedade entender e participar por meio das oficinas ou apresentações”, afirma.

Da sua criação aos dias atuais, o projeto se adaptou para seguir fortalecendo a arte, a cultura e o conhecimento produzido na universidade. Atualmente, é um evento semestral, com duas edições – mas você sabia que no começo ele tinha um formato diferente?

Início do Ceart Aberto à Comunidade

Em 2014, o Ceart Aberto à Comunidade surgiu como um evento organizado pela Direção de Ensino de Graduação (DEG), que acontecia anualmente com o objetivo específico de mostrar a estudantes do Ensino Médio os cursos e a infraestrutura oferecida pelo centro. Foi a partir de 2018, assumido pela Direção de Extensão, Cultura e Comunidade (DEX), que o projeto mudou, apresentando inicialmente dois formatos: Ceart Aberto às Escolas, com edições

semestrais que mantinham o objetivo original; e o Ceart Aberto à Comunidade, com edições mensais, com o foco de oferecer atividades gratuitas e abertas ao público.



Atividades de edições de 2025. 1. Apresentação do grupo Madrigal. Foto: Sofia Melo 2. Oficina. Foto: Laura Gassner

O projeto do Ceart Aberto à Comunidade nasceu a partir da necessidade dos acadêmicos por espaços de ensaio, estudo e apresentação nos fins de semana, junto ao interesse de expandir os programas de extensão para além do centro, criando, ainda, oportunidades para que artistas e outros profissionais pudessem liderar as atividades.

“É um momento muito importante para a comunidade entrar na universidade e sentir que também é parte”, diz Alicia Cupani.

A primeira edição ocorreu em abril de 2018, organizada pelo programa de extensão Ceart Vivo!, coordenado pela DEX. Os primeiros anos tornaram o ambiente universitário mais acessível, tanto para a comunidade interna quanto externa à Udesc, já que essa abertura possibilitou vivenciar a universidade sob uma nova perspectiva.



Show na edição de abril de 2018. Foto: Laís Moser

As edições de 2018 e 2019, ainda mensais, trouxeram uma programação ampla, com oficinas, feiras, shows, rodas de conversa, sessões de cinema, palestras, workshops, exposições e apresentações culturais. Os eventos também promoveram comemorações especiais alusivas à cultura japonesa e ao dia da Consciência Negra, além de espaços destinados a crianças, com jogos, contação de histórias e atividades artísticas.

Edições virtuais e volta ao presencial

Com a pandemia de Covid-19, em 2020, mudanças tiveram que ser impostas – uma delas, o isolamento social. A Udesc se adaptou, alterou todas as suas atividades para ambientes virtuais, e não foi diferente para o Ceart Aberto à Comunidade: mesmo com as limitações, o centro não abriu mão de promover a arte e a cultura e levá-las para além da universidade. O formato virtual ampliou o público, embora não tenha conseguido reproduzir a troca que somente o presencial proporciona.



Edição “Arte de Criança”, em 2025. Foto: Luana Nienkötter

Depois de quase dois anos, o Ceart Aberto à Comunidade voltou a ser realizado de forma presencial em novembro de 2021, na Escola Olodum Sul. O retorno marcou um momento especial para o centro, impulsionado pela diversidade de pessoas que, unidas, buscaram alternativas para garantir a continuidade do evento em um período sensível. Em 2022, o evento voltou a acontecer no Centro de Artes, Design e Moda da Udesc, com uma extensa programação de apresentações e feiras. E, dali para frente, não parou mais.

Edições mais recentes e futuro do evento

A cada edição, o Ceart Aberto à Comunidade se fortalece nas parcerias entre estudantes, servidores e comunidade. Para a professora Alicia Cupani, com o passar do tempo, esse engajamento é cada vez maior. “Uma das coisas que eu mais gosto de olhar nessa trajetória foi passar a construir o evento de uma forma bem colaborativa, chamando os diversos setores do Ceart para participar”, conta.

Em 2024, o Ceart Aberto teve quatro edições, com temáticas variadas: a de abril, “Tecendo Coletivas”; a de junho, “Imin Matsuri”, a festa da imigração japonesa no Brasil; a de setembro, “Bem-Viver”; e a última do ano, “Novembro Negro”, que destacou a importância da cultura e da resistência negra. Essa última edição incluiu as propostas vencedoras dos Prêmios Nudha Ceart de Diversidades Afroindígenas.

Em 2025, o Ceart Aberto à Comunidade novamente passou por transformações, tornando-se semestral. A primeira edição, intitulada “Côza Másh Quirida!”, foi focada na cultura açoriana. Já a segunda se chamou “Arte de Criança” e ofereceu atividades voltadas ao público infantil. A proposta, daqui para frente, é manter o evento com duas edições ao ano.



Oficina na edição “Côza Másh Quirida”. Foto: Laura Gassner

Para a professora Alicia Cupani, a atmosfera de convivência entre diferentes públicos durante o evento reforça o papel social da Udesc e tem um impacto muito positivo. “Viver o centro o dia inteiro nessa atividade fortalece os vínculos entre os estudantes e o pertencimento à universidade, além da conexão com a comunidade de fora”, afirma.

O Ceart Aberto à Comunidade integra saberes acadêmicos e populares, a partir da convivência e das experiências compartilhadas. Consolida-se, assim, como um evento que valoriza a arte, a cultura e reafirma a Udesc como instituição pública, gratuita e de qualidade a serviço da sociedade catarinense. ■

Saiba mais

- 🌐 udesc.br/ceart/ceartaberto
- 📷 [instagram.com/ceartaberto](https://www.instagram.com/ceartaberto)
- 🖼️ [flickr.com/udesc_ceart](https://www.flickr.com/photos/udesc_ceart/) (fotos do evento)



Colóquio da AAESC “As artes como direito: Ainda estamos aqui!”, realizado em 2025. Foto: acervo AAESC

Formação e valorização docente

Parceria entre Ceart e AAESC fortalece defesa do ensino de arte no estado

Pietra Simioni, Núcleo de Comunicação

A Associação dos Arte-Educadores de Santa Catarina (AAESC) é uma entidade de classe que tem como missão central a defesa do ensino de arte no estado. O objetivo se aproxima da trajetória do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que desde sua criação vem formando professores, artistas e pesquisadores.

Criada em 21 de outubro de 1988, durante o primeiro Encontro dos Arte-Educadores de Santa Catarina, realizado em Florianópolis, a AAESC tornou-se afiliada à Federação dos Arte-Educadores do Brasil (FAEB) em 1991. Em 1995, durante a

realização do Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB), a entidade ficou sem atuar aproximadamente até 2005.

Desde então, atua como espaço de articulação política, integrando o movimento nacional que reivindica garantias para os cursos de licenciatura em Artes, a obrigatoriedade das artes enquanto componente curricular obrigatório e a valorização das formações específicas, em oposição à polivalência.

Relação entre Ceart e AAESC

Ao longo de sua trajetória, a Associação dos Arte-Educadores de Santa Catarina estabeleceu diversas parcerias com o Ceart, especialmente por meio do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (Life). Essas iniciativas incluem eventos como o Colóquio sobre o Ensino de Arte,

oficinas e palestras, além da publicação de livros de pesquisadores da Udesc pela Editora AAESC.

Essa presença também se reflete na composição da associação e suas diretorias. As filiações renovadas mostram uma participação expressiva da comunidade do Ceart: seis graduandos e cinco egressos em Artes Visuais, um egresso de Música, quatorze pós-graduandos – muitos também formados na Udesc – e três servidores.

Jessica Maria Policarpo, atual presidente da associação, destaca que essa presença reflete o engajamento da comunidade acadêmica nas lutas e pautas da arte e da educação em Santa Catarina. “Mais do que as filiações oficiais, é importante ressaltar que a participação de estudantes do Ceart nos eventos, colóquios, oficinas e publicações promovidas pela AAESC é expressiva”, afirma.



Evento “Semear a Resistência: arte, educação e luta indígena” realizado na Udesc em 2023. Foto: acervo Udesc

O envolvimento de egressos na associação fortalece a parceria histórica com a universidade e incentiva professores e pesquisadores a participarem de atividades acadêmicas e culturais da Udesc. A formação oferecida pelo Ceart também fortalece debates sobre concursos, valorização docente, condições de trabalho e a luta contra a polivalência, tornando-os mais consistentes e fundamentados na experiência acadêmica da instituição.

A associação atua na defesa da regulamentação e do reconhecimento da licenciatura em Artes, rejeitando a polivalência no ensino da área. Por meio de diálogo com secretarias e órgãos públicos, busca garantir que editais de concursos exijam formação específica, assegurando que graduados pela Udesc tenham acesso legitimado ao mercado de trabalho, especialmente na rede pública de ensino.

Além disso, a AAESC desenvolve redes de colaboração que integram universidade, escola e comunidade, por meio de oficinas, encontros, colóquios e projetos extensionistas que envolvem estudantes e professores do centro. Essas ações articulam a produção acadêmica à prática docente



Evento “Semear a Resistência: arte, educação e luta indígena” realizado na Udesc em 2023. Foto: acervo Udesc

e promovendo uma formação mais crítica e contextualizada. “A atuação desses profissionais em escolas e espaços não formais de ensino também reforça a percepção da importância da arte na formação integral e contribui para pressionar o poder público a criar políticas educacionais alinhadas às práticas e conhecimentos do Ceart”, afirma Jessica Maria Policarpo.

Segundo a professora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, docente do Departamento de Artes Visuais (DAV) e atualmente vice-diretora de promoção da AAESC (gestão 2025-2027), cerca de 90% das publicações da Editora AAESC estão relacionadas ao DAV ou ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Udesc.

A editora, como parte dessa entidade, reforça a relação entre as instituições ao publicar obras que documentam, discutem e problematizam práticas artísticas, a docência em arte, a ação educativa em espaços museais, coleções, memórias e arquivos. Esse trabalho oferece subsídios teóricos que permitem o diálogo entre a produção acadêmica e profissional do Ceart, os professores da rede, estudantes e a sociedade em geral.

“Além das filiações oficiais, é importante ressaltar que a participação de estudantes do Ceart nos eventos, colóquios, oficinas e publicações promovidas pela AAESC é expressiva”, diz Jessica Maria Policarpo.

Colóquio sobre o Ensino de Arte

O Colóquio sobre o Ensino de Arte, realizado anualmente, surgiu em 2004 a partir do projeto de extensão Arte na Escola. “O Ceart participa de todas as edições do Colóquio. Ele nasceu dentro do centro e, no ano seguinte, foi repassado à AAESC, que desde então assumiu a organização em todos os anos”, relata a professora Luzia Renata Yamazaki, atual coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (Life) da Udesc e também membro da diretoria da AAESC.

A participação do Ceart no Colóquio acontece por meio da parceria principalmente através do Life. É por meio do laboratório que a instituição estabelece as principais colaborações, tanto na formação de profissionais quanto na organização do evento.

O laboratório atua em diferentes frentes: coordena bolsistas, gerencia a divulgação, organiza certificações de participação e viabiliza convites a palestrantes, debatedores e ministrantes de oficinas e cursos. Essa atuação garante a presença de profissionais relevantes e contribui para a qualidade acadêmica do Colóquio.

Além disso, o Ceart disponibiliza espaços como salas do próprio centro e do Museu da Escola Catarinense (Mesc-Udesc) para a realização das atividades. Com isso, a contribuição da instituição vai da infraestrutura à formação, da gestão administrativa à promoção acadêmica, ampliando a relevância do evento no campo do ensino de arte no estado de Santa Catarina. ■



1. Colóquio da AAESC “As artes como direito: Ainda estamos aqui!”, realizado em 2025. Foto: acervo AAESC
2. Colóquio da AAESC 2019 em Balneário Camboriú. Foto: acervo Udesc



Performance "Corpos-Terra".
Foto: Julie Silva

Simpósio PAC: espaço de discussão social e ecológica nas artes visuais

Primeira edição reuniu pesquisas de docentes e discentes sobre a arte contemporânea

Isadora Pavei, Núcleo de Comunicação

"Compostar: corpo, palavra, paisagem e escuta". Esse foi o título do primeiro Simpósio de Pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos (PAC), promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPAGV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). De 20 a 23 de maio de 2025, a universidade foi palco de palestras, oficinas, exposição coletiva, lançamento de livros e comunicações sobre fazeres artísticos. O objetivo foi promover reflexões críticas sobre arte contemporânea, processos experimentais e questões ecológicas e sociais.

O simpósio reuniu estudos de mestrado, doutorado e pós-doutorado nas linhas de pesquisa "Articulações Poéticas" e "Proposições Artísticas Contemporâneas e seus processos experimentais". Também participaram pesquisas de docentes e estudantes de graduação

atuantes na iniciação científica e em programas de extensão. Entre os convidados, estiveram presentes Luciara Ribeiro, Gustavo Caboco, Cynthia Shuffer Mendoza, Gabriela Nobre e Daniel Lima.

As conversas foram estruturadas em torno do conceito de compostagem da filósofa e bióloga feminista Donna Haraway. A ideia reflete sobre a relação entre humanos e não-humanos, ao considerar o desastre ecológico, a precarização econômica e a crise dos sistemas políticos e familiares.

A equipe de organização do evento contou com os docentes da linha PAC Debora Pazetto, Juliana Cristina Pereira, Luzia Renata Yamazaki, Marta Martins, Otavio Fabro Boemer, Maria Raquel da Silva Stolf, Sandra Favero e Silvana Macêdo.

Exposição, diálogo e aprendizado

A integração efetiva entre as pesquisas apresentadas por docentes e discentes foi destaque no simpósio. Ao sedimentar o diálogo entre graduação e pós-graduação, foi possível fortalecer e difundir as investigações realizadas no PPGAV para públicos externos à universidade.

Para a professora do Departamento de Artes Visuais (DAV) e uma das organizadoras do evento, Raquel Stolf, a relevância das atividades está na atuação coletiva, que envolve intercâmbios entre diferentes programas de extensão e projetos, além da interação de convidados com estudantes e professores.

Ministrada pela artista sonora, poeta e pesquisadora Gabriela Nobre, a oficina “Tudo anota e nós também: escutas, escritas e gravações” teve como ponto de partida a prática e processos com o b-Alúria – um projeto de música inusual que investiga as relações entre som e palavra, escritas e gravações. Por meio



Peças da exposição coletiva “Compostar”, na Galeria Jandira Lorenz. Fotos: Nestor Varela e Monique Burigo.

de exercícios individuais e coletivos, conversas e apresentações teóricas, Gabriela compartilhou com o grupo seu conceito sobre “anotações”. O resultado do encontro se deu na construção de seis peças sonoras pelos participantes, que integram um disco digital coletivo.

Outro momento marcante do simpósio foi a palestra e apresentação artística de Gustavo Caboco, intitulada de fala-performance “Campo Invisível das Traduções”. O artista, do povo Wapichana, atua nas áreas das artes visuais, da literatura e do cinema. Sua produção se desdobra em múltiplas linguagens, como desenho, pintura, têxtil, instalação, performance, fotografia, vídeo, som e texto, constituindo dispositivos para reflexão sobre os deslocamentos dos corpos indígenas, os processos de (re)territorialização e a produção da memória.



Palestra com os artistas Luciara Ribeiro e Gustavo Caboco na Galeria Jandira Lorenz. Foto: Julie Silva

De acordo com a docente do DAV Silvana Macêdo, que também contribuiu na organização do evento, o trabalho desenvolvido por Gustavo teve grande impacto nas discussões do simpósio, pois se alinha às perspectivas teóricas, metodológicas e artísticas contracoloniais que fundamentam as pesquisas do PPGAV. Além disso, traz a perspectiva do ativismo indígena nas artes visuais, importante para contrapor narrativas hegemônicas da colonialidade na área.

Também foi destaque do evento a palestra “Deslocar o corpo para tomar as rédeas do caminho: reflexões sobre a educação sertaneja”, ministrada pela pesquisadora Luciara Ribeiro. A educadora e curadora natural de Xique-xique, na Bahia, e residente em São Paulo, atua há anos na promoção e visibilidade de artistas negros em seus projetos nacionais, bem como internacionais.

O simpósio também deu espaço para a exposição coletiva “Compostar”. Sediada pela Galeria Jandira Lorenz, no Centro Artes, Design e Moda (Ceart) da Udesc, a coleção expôs projetos artísticos singulares e consistentes, em ressonâncias com as pesquisas apresentadas. Desse modo, a atividade demonstrou a coerência das investigações e produções concretizadas junto à linha PAC.

Através da interação com as obras, diálogo em rodas de conversas e aprendizados em oficinas, os três dias de evento enriqueceram o repertório de discentes e docentes, com o intuito de desenvolver o pensamento crítico, ético e social que permeia os fazeres das artes visuais.

Há proposta para que o simpósio seja bienal e, em 2026, planeja-se a publicação dos registros e materiais apresentados na primeira edição em livro impresso e e-book. ■



Peças da exposição coletiva "Compostar", na Galeria Jandira Lorenz. Foto: Nestor Varela e Monique Burigo



Apresentação "Fendas: deixa crescer uma flor no topo da cabeça".
Foto: Carolina Weber

Arte e feminismos: Mostra de Atividades Artísticas e Culturais do Fazendo Gênero 13

Diversidade de temas da MAAC refletiu lutas contemporâneas

Valentina Orlandi, Núcleo de Comunicação

Quem passava pelos corredores do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) entre julho e agosto de 2024 se deparava com espetáculos de teatro, performances, oficinas, saraus e músicas. A Mostra de Atividades Artísticas e Culturais (MAAC), parte do Seminário Internacional Fazendo Gênero 13 reuniu trabalhos para discutir, por meio da arte, o tema "Contra o fim do mundo: antifascismo, anticolonialismo e justiça climática".

O Fazendo Gênero é realizado desde 1994 pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ao longo de três décadas, o evento se consolidou como um dos principais encontros latino-americanos sobre feminismos e estudos de gênero. Nele, pesquisadoras, estudantes, ativistas, artistas e movimentos sociais se encontram em atividades que misturam ciência, política e cultura.

Em 2024, o seminário completou 30 anos e o tema escolhido refletiu a necessidade de enfrentar ameaças atuais. A organização explica no artigo “Um palco todo nosso: apontamentos sobre as pesquisas em artes cênicas na Mostra de Atividades Artísticas e Culturais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 13” (2025, no prelo), que o colonialismo continua a atuar na exploração de territórios e corpos; o fascismo se mantém na tentativa de impor padrões baseados na supremacia masculina, branca e cis-heteronormativa; e a crise climática expõe como o sistema econômico trata a natureza e os corpos não hegemônicos como descartáveis.

Foi nesse contexto que a MAAC nasceu, visando criar um espaço para a arte como forma de produção de conhecimento e de diálogo com os feminismos, os estudos de gênero e as lutas sociais. A comissão responsável começou em 2023, com reuniões pequenas. A construção da mostra enfrentou dificuldades. No ano em que o evento seria realizado, os espaços da UFSC, tradicional sede do evento, estavam em obras e a greve nas universidades federais aumentava a incerteza.

Maria Brígida de Miranda, professora do Departamento de Artes Cênicas (DAC), relata no artigo que levou a proposta à diretora-geral do Ceart, Daiane Dordete Steckert Jacobs. “Ponderamos sobre como o nosso centro e a Udesc poderiam oferecer espaços físicos e apoio à MAAC. Nosso pedido foi aprovado e várias colegas do DAC se manifestaram interessadas em participar da comissão ao longo de 2024”, relatou.

A Comissão da mostra foi ganhando corpo aos poucos; nas primeiras reuniões, o grupo contava

com apenas seis pessoas. Novas adesões foram sendo feitas e voluntários passaram a fazer parte do grupo que chegou a reunir 23 pessoas, muitas delas mulheres ligadas à Udesc Ceart. A proposta foi bem recebida dentro da universidade e Brígida destaca que, sem o Ceart, seria inviável realizar a mostra. “O



Peça “Nós somos a terra”. Foto: Gustavo Fidelis

apoio da universidade foi fundamental”, afirmou. A entrada do Ceart mudou a dinâmica do evento. A mostra foi dividida entre a UFSC e a Udesc. A programação contou com 50 apresentações artísticas. Houve 11 espetáculos teatrais, dois de dança-teatro, 12 performances, sete apresentações musicais, além de saraus, oficinas e rodas de conversa. Também foram exibidos filmes em parceria com a Mostra Audiovisual. O público infantil teve apresentações no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC.

A mostra teve um cuidado especial com as condições de participação. Diferente das pesquisas apresentadas em simpósios e grupos de trabalho, as atividades artísticas envolviam o sustento das

**A mostra foi dividida
entre UFSC e Udesc,
com uma programação
que contou com
50 apresentações.**

artistas. A comissão negociou isenção da taxa de inscrição, ajuda de custo para artistas locais e hospedagem para artistas de fora. “Os valores, embora considerados por nós como simbólicos, se

apresentaram como uma forma de valorização do trabalho das artistas envolvidas e contribuíram para sua vinda e estadia durante o evento”, afirmou Suzana Vergara, mestra em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Udesc.

No palco, a diversidade de temas refletiu as lutas contemporâneas. Um dos trabalhos foi o espetáculo “EXtraviado”, de Leandro Cidade, que transformou memórias de um relacionamento abusivo em cena. A peça já havia conquistado prêmios em festivais e trouxe para a mostra a



Peça “EXtraviado”. Foto: Luiza Vianna

discussão sobre violência doméstica em relações homoafetivas. Outro exemplo foi “Se Elas Pudessem Dançar”, criado por Kauany Lima e Laura Pozer, alunas da Udesc, que tratou do assédio sexual no ambiente acadêmico.

Também se destacou “Nós Somos a Terra”, criado por graduandas em Artes Cênicas. O espetáculo uniu canto, dança e memória para discutir identidade afro-indígena. “Três Marias”, de Paula Batista, trouxe histórias de mulheres da família da atriz, marcadas por violências e abandonos. Já a atriz Juçara Gaspar apresentou “Mulheres Atravessadas na Garganta”, resultado da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. A peça reuniu vozes de mulheres como Sarah Kane, Frida Kahlo e Violeta Parra em uma dramaturgia de resistência.

O coletivo Bruta Flor apresentou “Fendas: deixa crescer uma flor no topo da cabeça”, que abordava as ameaças da especulação imobiliária à Ilha de Santa Catarina. Outras performances exploraram a voz, o corpo e a memória como territórios de criação e resistência. Shows musicais de bandas vinculadas ao Departamento de Música da Udesc, como Nalu, Orquidália e Tran, encerraram a programação com repertórios ligados ao orgulho LGBTQIAPN+.

A produção da mostra envolveu uma grande rede de estudantes, técnicos e docentes. No Ceart, onze monitores atuaram na organização de salas, apoio ao público e registro das apresentações, além de egressos que participaram de atividades como iluminação e sonorização. “Foi muito importante poder conhecer tantas artistas e ver o debate de gênero sendo posto em prática dessa forma. Poder enxergar que espaços seguros podem ser



Peça “Conversas de Coxia”. Foto: Fernanda Ferreira

alcançados”, relatou Geane Albino, estudante de Teatro na Udesc e monitora do evento.

A Mostra de Atividades Artísticas e Culturais se consolidou como parte essencial do Fazendo Gênero, permitindo que pesquisas acadêmicas ganhassem forma no palco e que a arte fosse reconhecida como produção de conhecimento. Mais do que encerrar a programação, cada apresentação parecia anunciar a continuidade de uma luta coletiva que encontra no espaço acadêmico e artístico um palco para resistir. ■

A dialética dos encontros

Seminário de Pesquisa em Artes Cênicas (SPAC) reúne estudantes e docentes desde 2011

Tereza Mara Franzoni, docente do Departamento de Artes Cênicas da Udesc (DAC)



Espectáculo "Poeira", do Poeira Grupo de Teatro. Foto: acervo SPAC

Poder conversar com outras pessoas que também estão escrevendo seus TCCs, teses ou dissertações, em uma relação amistosa, trocando histórias e estratégias, compartilhando mazelas e anedotas da pesquisa, ajuda a olhar para o trabalho de outra forma, ajuda sair do "drama" individual, encontrar parceiros no caminho e, quem sabe, até descobrir que a pesquisa é produção coletiva e social. Esse é um pouco do espírito do Seminário de Pesquisa em Artes Cênicas, ou simplesmente, SPAC. Não se trata apenas de falar sobre, mas também problematizar a pesquisa e o compromisso social de quem pesquisa. Vida, contexto, responsabilidades e limites, tudo envolve o trabalho que fizemos aqui no Ceart. Fazer pesquisa em Artes Cênicas, ou em qualquer outra área, significa implicar-se.

A história do SPAC inicia em 2011. Ele surgiu como proposta de evento de extensão, coordenado por mim, Tereza, e por um grupo de estudantes da graduação e da pós-graduação em Teatro, atualmente Artes Cênicas. A primeira edição reuniu predominantemente estudantes da Udesc. Porém, muito rapidamente, outras universidades começaram a participar, assim como estudantes de outras áreas, principalmente artes, literatura e humanidades. Muitas pessoas construíram os encontros: em torno de 200 estudantes já participaram da comissão organizadora, mais de 700 apresentaram suas pesquisas e muitos mais participaram do evento. Ele começou sem orçamento, mas atualmente tem

apoio da Capes. Permanecer e mudar, esse foi o desafio ao longo dos anos.

O SPAC tem algumas peculiaridades. A proposta nasceu da experiência da coordenadora como estudante de pós-graduação e, ao mesmo tempo, de seu aprendizado como professora das disciplinas de Metodologia de Pesquisa. Mas este foi apenas o início da história. *Rapidamente, a cada grupo de estudantes que assumia a coordenação do evento, ele adquiria novos contornos. A programação foi incorporando apresentações artísticas, oficinas, lançamentos de livros, comunicações performáticas, festas e muito mais.* Permaneceu a ideia da autonomia na organização, da não hierarquia na comissão organizadora e da proposta de compartilhar processos em andamento, por isso ele é direcionado a pesquisadores/as em formação, nada de pesquisa pronta e acabada.

Nos primeiros cinco anos, o tema geral foi “Procedimentos e dilemas do trabalho acadêmico”. Em 2016, mudamos um pouco: “Prática como pesquisa” foi o “mote” para as discussões coletivas. Queríamos insistir na ideia de processo, porém as mesas de debates já traziam questões que problematizavam as implicações do fazer pesquisa em um país como o Brasil.

A programação foi incorporando apresentações artísticas, oficinas, lançamentos, comunicações performáticas e muito mais.

O ano de 2016 não foi fácil e muitos/as estudantes das Artes Cênicas, em todo território nacional, envolveram-se na defesa da arte, contra o



Oficina. Foto: acervo SPAC

desmantelamento da política e do Ministério da Cultura e contra o golpe midiático parlamentar imposto à presidenta do Brasil. Esse contexto nos levou ao evento de 2017: “Arte, Política e Liminaridade”. O tema passou a orientar a escolha dos convidados para as mesas de debates, que têm justamente como objetivo provocar pesquisadores/as e público com questões comuns ao contexto no qual as pesquisas estão inseridas.

À medida que atividades artísticas (peças, performances, vídeos, etc.) foram incorporadas à programação, também passaram a dialogar com a temática do evento. Assim, ao mesmo tempo que o SPAC proporciona um espaço/tempo de troca sobre a práxis da pesquisa de cada um, participantes, coletivamente, discutem e refletem sobre o contexto de sua produção. Em 2018, nossa proposta foi discutir questões relacionadas a apropriação cultural, a tradução, a cópia e a autoria e a branquitude: “Nada se cria, tudo se copia e vice-versa”.

Em 2019, o tema “Produção de conhecimento, relações de poder: e a arte com isso?” teve o objetivo de abordar os processos de produção e consolidação de formas e estruturas de



Mesa temática. Foto: acervo SPAC



Grupo de trabalho. Foto: acervo SPAC

conhecimento. Discutimos, então, possibilidades de existência, resistência e emergência de conhecimentos oriundos de povos originários e daqueles e daquelas que foram sistematicamente colocados à margem das estruturas de poder. A assembleia de 2019 apontou: precisamos fortalecer redes com a sociedade, levar o SPAC para além dos muros da universidade.

Em abril de 2020, realizaríamos a décima edição: “Saídas de emergência: saberes e afetos”. Programada para abril, trabalhamos até março com esperança de realizar o evento, quando a pandemia de Covid-19 se instaurou e o seminário foi adiado sem previsão para acontecer. O X SPAC, após inscrições, planejamentos e convites, teve que encontrar uma saída: publicamos um caderno com os resumos inscritos e as propostas que havíamos planejado para as mesas e demais atividades. Os/as pesquisadores/as só se “encontraram” no ano seguinte, de forma online. “Ai se sessel!” foi o título que inventamos para esse acontecimento, uma brincadeira com a expressão “ai se fosse”, em uma referência ao que poderia ter sido.

Em 2022, queríamos um encontro vivo e pulsante. Partindo do tema “Subversão das CR1S3S: a arte entre ruínas e catástrofes”, propomo-nos a discutir caminhos de resistência trilhados por produções poéticas/acadêmicas na busca de terrenos férteis em meio ao panorama nacional e mundial de múltiplas crises. Seguimos em 2023 uma linha parecida: “Pronunciar novos mundos: (r)existências das Artes Cênicas diante dos extremismos”. A intenção foi pensar alternativas e problematizar os discursos de ódio, os apelos antidemocráticos e a desinformação. Esses dois anos foram uma espécie de respiro, de olhar para o que estamos produzindo, para além das polarizações e dos discursos midiáticos.

As pesquisas apresentadas no SPAC mostraram que a realidade estava mudando e que contávamos com referências que já pronunciavam novos mundos. As políticas de ação afirmativa intensificaram a presença de diferentes corpos nas universidades e a tensão constitutiva da produção de conhecimento foi corporificada. Com o tema de 2024, “Espiral de referências: saberes em tensão”, propúnhamos

discutir essas questões e a possibilidade de construir saberes comuns em um contexto de tensão entre corpos, histórias, referências culturais e políticas.

Enquanto realizávamos nosso encontro no XIII SPAC, o Brasil estava queimando, literalmente. As nuvens de fumaça decorrentes dos incêndios florestais cobriam 80% do território nacional. A mudança de paradigmas e referências era mais do que necessária para pensar a crise climática e suas consequências. Não havia como não olhar para o racismo ambiental, para os impactos da crise sobre a classe trabalhadora, para o conservadorismo normativo em sua recusa de ação na prevenção de catástrofes. Como tudo isso vinha sendo pensado nas Artes Cênicas? Assim, surgiu o tema de 2025: “Chão em chamas: práticas para não queimar os pés”.

Durante todos esses anos, TCCs, Dissertações e Teses também foram defendidas pelas pessoas que organizaram o SPAC, foram e são pesquisadores/as generosos/as que aceitaram dedicar parte de seu tempo na universidade para uma empreitada coletiva, pois sabem que a vida universitária é muito mais do que aulas e trabalhos. A cada ano, a comissão organizadora se renova parcialmente, afinal, a vida segue, e para quem é estudante, a vida acadêmica passa rápido. Essa dinâmica reflete diretamente no SPAC, que vai se transformando a cada comissão organizadora. Os convidados para as mesas de debates também estão relacionados às pesquisas e aos conhecimentos dessa comissão, que geralmente propõe convidar referências com as quais já tem alguma forma de interlocução.

A memória de quem permanece, com os registros dos encontros anteriores, é provocada por quem participa pela primeira vez, por suas demandas e pela temática e contexto da pesquisa que realiza. Pesquisas, afetos, militâncias, engajamentos, visões

de mundo, expectativas e perspectivas, alimentam as escolhas da Comissão. Formar um coletivo para organizar um encontro, recebendo e conhecendo pessoas, criando as condições para uma boa conversa, para a troca de conhecimentos exige muita parceria, afeto e trabalho.

Quanto a 2026, já começamos a trabalhar. A assembleia de 2025 nos deixou uma pista: é preciso falar de confluências, como falou Antônio Bispo. Daqui seguimos na esperança que outros se juntem a nós. ■



Foto: acervo SPAC

Saiba mais

Para quem quiser conhecer as comunicações de pesquisas que foram publicadas, os anais do SPAC estão disponíveis no site do PPGAC. Para seguir nas redes sociais ou entrar em contato:

🌐 <https://www.udesc.br/ceart/ppgac>

✉ spac.ceart@udesc.br

📷 @spac.udesc



Estudante em sala de desenho do curso. Foto: Pietra Slmioni

Curso de Design da Udesc completa 30 anos de história

Pioneira em Santa Catarina, graduação mudou o cenário do design no estado

Isadora Pavei e Valentina Orlandi, Núcleo de Comunicação

Há 30 anos, o curso de Design da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) forma, além de profissionais qualificados, cidadãos comprometidos com a ética e a responsabilidade social. Pioneira no estado, a graduação conta com uma infraestrutura que oferece espaços, materiais e equipamentos adequados à formação, além de proporcionar um ambiente criativo e inspirador. Somado a isso, o corpo docente altamente qualificado levou o curso a alcançar nota máxima (cinco) em avaliação pelo Ministério da Educação (MEC).

Para Julia Gouveia Lima, estudante de Design Gráfico, o acesso a equipamentos e materiais necessários para a aprendizagem da teoria e da prática é um dos maiores diferenciais do curso. “A Udesc mudou minha vida por completo. As oportunidades e os

recursos que temos aqui dificilmente encontramos em outra universidade pública. E isso tudo faz uma diferença enorme na nossa formação”, conta.

O bacharelado se divide entre Design Gráfico e Design Industrial e atende, atualmente, a cerca de 180 alunos matriculados, mas já formou mais de 500 profissionais ao longo de sua trajetória. Os currículos das duas habilitações são pensados para transmitir uma base de conhecimento fundamental para a atuação profissional na área com base em uma formação crítica frente aos desafios enfrentados pela sociedade. Assim, busca formas de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Consolidação do curso

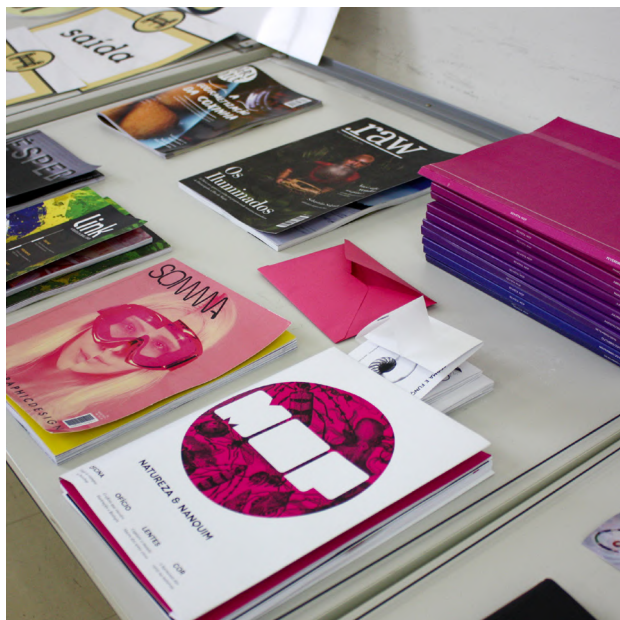
Em 1996, a Udesc criava o curso superior em Desenho Industrial, por meio da Resolução Consuni 029/96, logo após a extinção da Licenciatura em Educação Artística – habilitação em Desenho. Em agosto do mesmo ano, as aulas iniciaram com a entrada dos primeiros alunos pelo vestibular, os quais poderiam atuar em ambas as habilitações: Programação Visual e Projeto de Produto.



Projeto de design industrial. Foto: acervo Udesc

Em 1999, três anos após a criação do curso, a graduação se dividiu em duas habilitações. O Bacharelado em Design Gráfico, atualmente com cerca de 100 alunos matriculados, ensina a comunicar ideias e mensagens de forma clara e estratégica através de elementos visuais. Já o Bacharelado em Design Industrial, hoje com mais de 80 estudantes (dados de dezembro de 2025), capacita para o desenvolvimento de produtos utilitários do dia a dia.

A primeira formatura do curso foi realizada em 2000. Naquele mesmo ano, o departamento fundou o LabDesign, um laboratório para que os estudantes das duas habilitações pudessem adquirir experiência e se preparar para o mundo do trabalho. Em funcionamento até hoje, entre as atividades realizadas estão o desenvolvimento de marcas e projetos de sinalização, a edição de publicações, a



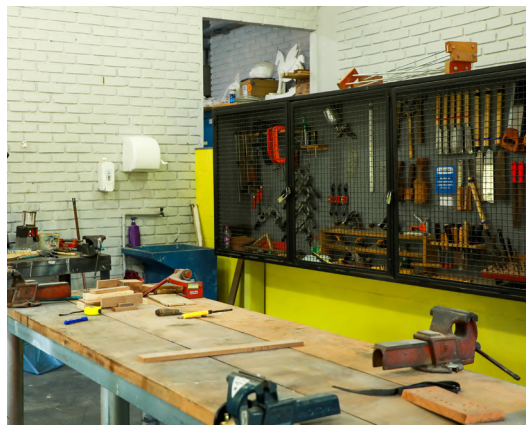
Projetos de design gráfico. Foto: acervo Udesc

projeção de itens mobiliários e a criação de peças de comunicação visual.

Outros laboratórios oportunizam aos estudantes a prática do Design. Entre eles, o Laboratório de Fotografia e Estúdio Fotográfico, o Laboratório de Modelagem, o Laboratório de Tecnologia Assistiva e o Laboratório de Pesquisa em Design de Interação.

Mais recentemente, em 2024, foi criado o Laboratório de Tipografia e, em 2025, o Laboratório de Estudos de Modelagem e Impressão 3D (LEMI 3D). Ambos se encontram em fase de estruturação e futuramente vão atender a demandas dos cursos, propiciar experiências nas áreas aos discentes e oferecer ações de extensão à comunidade.

Para os próximos anos, a expectativa é a construção do novo prédio do Departamento de Design (DDE), cujo projeto já se encontra em andamento. A nova estrutura deve oferecer espaços mais modernos e adequados, com laboratórios e oficinas ampliados, além de áreas destinadas a exposições e atividades abertas à comunidade.



Oficina Metal Mecânica. Foto: acervo Udesc

Mudanças curriculares

Desde a sua criação, o bacharelado em Design da Udesc passou por transformações que hoje o fazem ser um dos cursos mais procurados no vestibular dentre os ofertados no Centro de Artes, Design e Moda (Ceart). Ao longo dos anos, o currículo foi sendo aprimorado com reformas sempre alinhadas às tendências do ensino e do mercado.

“Observamos o que já foi construído para agirmos com perspectiva de futuro com o curso e sua responsabilidade social”, explica o professor Célio Teodorico dos Santos. Docente no DDE desde o início, ele relata que além de formar profissionais, o curso objetiva aprimorar o pensamento reflexivo e crítico sobre o desenvolvimento humano.

Em 2023, o curso teve a quarta e maior reforma curricular até então, que foi implementada em 2024. Conforme a professora Anelise Zimmermann, que ingressou no DDE em 2008 como substituta e em 2009 como efetiva, a iniciativa demandou muito estudo e o trabalho coletivo de docentes, discentes



Laboratório de Fotografia. Foto: acervo Udesc

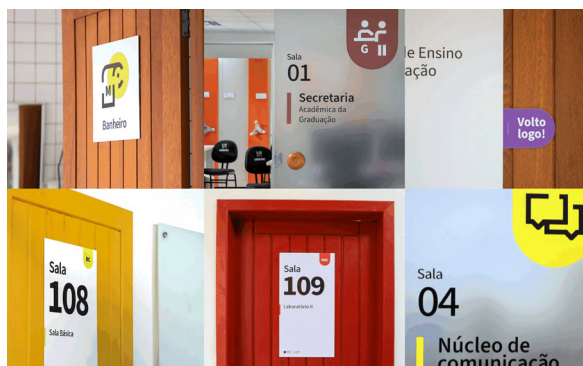
e egressos, “resultando em mudanças significativas no currículo, atualizado frente a importantes mudanças sociais, com a inclusão”. Exemplo disso é a criação da disciplina “Diversidades Estéticas e Design Contemporâneo”, voltada ao estudo de manifestações estéticas multiculturais, como as produções indígenas do Brasil e Américas, a arte dos povos africanos, concepções estéticas asiáticas (Japão, China, Índia) e de outras partes do mundo.

Merecem também destaque as novas disciplinas “Tópicos Especiais em Design Gráfico I e II”, que visam trabalhar com abordagens teórico-práticas a respeito de temáticas emergentes referentes às relações entre design gráfico, sociedade, cultura, educação, saúde, meio ambiente e tecnologia. Outra disciplina adicionada ao currículo foi “Tipografia II”, focada no desenho de tipos – campo em expansão no design brasileiro. “Essas mudanças dizem respeito ao mercado, mas sobretudo ao nosso compromisso de oferecermos uma formação completa e crítica e de responsabilidade social”, afirma a docente do DDE.

Palco de protagonismo estudantil

Um dos valores do Ceart é promover autonomia e liberdade de expressão para os universitários. No Design, essa abertura pode ser observada nas diversas iniciativas propostas pelos estudantes. Por exemplo, em 2005, foi criado o Centro Acadêmico de Design da Udesc (CADU), um espaço de representação estudantil para reivindicar e propor necessidades discentes.

Outra ação protagonizada pelos estudantes foi a fundação da Inventório, a Empresa Júnior de Design e Moda (EJDM). Desde 2008, tem o intuito de desenvolver futuros profissionais através da vivência empresarial no decorrer do período universitário. Por



Projeto de sinalização do Ceart. Fotos: Ana Clara Villani



Estudantes da EJDM Inventório. Foto: acervo Udesc

meio da empresa, são oferecidos serviços nas áreas de Design de Produto, Design Gráfico e Moda a micro e pequenas empresas.

Alunas e alunos do curso também têm diversas oportunidades de participar de programas de extensão e projetos de pesquisa e ensino, seja como bolsistas ou como voluntários. Um exemplo é o “Projeto de Sinalização da Udesc Ceart”, desenvolvido entre 2022 e 2024 sob orientação da professora Anelise Zimmermann. Além de ser um espaço de aprendizado e prática para os discentes, o trabalho foi selecionado para compor a II Mostra Brasileira de Design da Informação (MBDI) de 2025. Sobre essa experiência, Ana Clara Villani Martins, uma das estudantes bolsistas envolvidas



Parque das Profissões da Udesc 2024. Foto: acervo Udesc

na proposta, conta: “A participação [na MBDI] leva a nossa universidade para outras pessoas e mostra o quão rico é o nosso campo. Isso é importante para a nossa valorização”.

Nessas três décadas, em diversos momentos a excelência dos trabalhos desenvolvidos no curso de Design da Udesc foi notada com o reconhecimento das produções estudantis em premiações nacionais e internacionais. Algumas das mais recentes foram: Latin American Design Awards (2024 e 2025), Prêmio Bornancini de Design (2022) e a conquista do 1º lugar no Prêmio de Jovem Cientista do 12º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação (CONGIC 2025).

“As oportunidades e os recursos que temos aqui dificilmente encontramos em outra universidade pública. E isso faz uma diferença enorme na formação”, conta a estudante Julia Gouveia Lima.



Estudantes conquistam Lad Awards 2025. Foto: acervo Udesc

No âmbito da extensão, em sua jornada, o curso de Design da Udesc aproximou a universidade da sociedade por meio de projetos como o “Designação”, que levou a produção acadêmica para além dos muros; o “Entre Livros, Tipos e Desenho”, que celebrou a cultura gráfica; e “Os Usos Sociais do Desenho”, que conecta design e território. Hoje, a missão continua com os projetos “Os Usos Sociais do Desenho” e “Laboratório de Representação Fotográfica”. Conforme a professora Anelise, novas iniciativas estão sendo pensadas para ampliar esse diálogo, buscando atender também às demandas da curricularização da extensão.

Pós-graduação em foco

Em 2011, foram iniciadas as atividades do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign) da Udesc, área de concentração “Fatores Humanos no Design”, com o curso de mestrado. No ano seguinte, em 2012, foi publicada a primeira edição do periódico “Human Factors in Design”, publicação semestral editada pelo programa. Em 2019, o PPGDesign expandiu sua atuação com a criação do doutorado.

As teses e dissertações desenvolvidas no PPGDesign abordam desde temas clássicos da área



Workshop de realidade virtual, 2025. Foto: Gabrielle Otto

que envolvem questões fundamentais de interação física, antropologia, biomecânica, trabalho humano e fisiologia até as interações cognitivas e os sistemas digitais, interfaces computacionais, realidade aumentada e virtual e os métodos que desenvolvem, gerenciam e avaliam essas tecnologias e sistemas.

Os resultados buscam contribuir para o desenvolvimento de tecnologias educacionais e assistivas, jogos digitais, empresas de tecnologia (startups) e formas de gestão do Design e dos processos de desenvolvimento e criação através de métodos macroergonômicos. Nesse contexto, vários estudos são direcionados a públicos específicos como idosos, crianças e pessoas com deficiência. ■

Saiba mais

🌐 udesc.br/ceart/design

Destaques da história do Design na Udesc

- **1999:** Primeira reforma curricular. Curso passa a ofertar duas habilitações: Gráfico e Industrial.
- **1999:** Foi realizada uma edição da Especialização em Design de Móveis, com duração de um ano e meio.
- **2000:** Fundado o LabDesign
- **2000:** Formou-se, pela Udesc, a primeira turma de designers em SC.
- **2005:** Fundado o Centro Acadêmico de Design da Udesc – CADU.
- **2006:** Realização da Semana do Design. O evento foi organizado entre os anos de 2006 e 2017.
- **2007:** Segunda reforma curricular.
- **2007:** Até 2011, 15 professores da Udesc e Univille cursaram o primeiro Doutorado Interinstitucional (Dinter) do país em convênio com a PUC-Rio.
- **2011:** Início do PPGDesign.
- **2015:** Terceira reforma curricular.
- **2016 e 2017:** Convite para representar o Brasil na Global Grad Show, exposição de projetos acadêmicos na Semana de Design de Dubai.
- **2020:** Criação de uma Comissão da Identidade Visual do Ceart.
- **2022:** Inclusão das palavras “Design e Moda” na denominação do Centro de Artes fortalece a presença do curso na instituição.
- **2023:** Quarta e maior reforma curricular do curso até então, com implementação em 2024.
- **2024:** Renovação de reconhecimento do curso pelo MEC, com nota máxima (5).
- **2024:** Mudança da Oficina Metal Mecânica, que recebeu instalações mais adequadas.
- **2024:** Início das atividades do Laboratório de Tipografia.
- **2025:** Realização e atividades alusivas aos 40 anos do Ceart, como a Semana Cultural de Design e o Prêmio Acadêmico de Design.
- **2026:** Curso completa 30 anos de história.



Foto: arquivo pessoal

Célio Teodorico dos Santos

Entrevista com o professor sobre a criação e consolidação do curso de Design

Isadora Pavei e Valentina Orlandi, Núcleo de Comunicação

Primeiro designer efetivado como docente na graduação em Design da Udesc, Célio Teodorico dos Santos tem sua trajetória ligada ao desenvolvimento do curso. Ao longo de sua carreira, contribuiu para mudanças curriculares e para a criação de laboratórios, além de participar de diversos momentos marcantes do curso. Na universidade se destaca tanto como professor quanto como pesquisador, além de ser reconhecido nacionalmente pela atuação profissional.

Célio integrou a equipe do Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial (LBDI) criado pelo CNPq em 1984. Já recebeu vários prêmios significativos no campo do Design, tais como Museu da Casa Brasileira, Idea Brasil, Catarina Design, CNI, e possui uma obra no acervo permanente do Museu Oscar Niemeyer. Também é um dos fundadores da Studio 566 Design.

Como foi a criação do curso de Design na Udesc?

O curso iniciou suas atividades em agosto de 1996, com a primeira turma de vestibular, sendo o primeiro curso de graduação em Design do Estado de Santa Catarina. Ele surgiu com a extinção do curso de Licenciatura em Educação Artística - Habilitação Desenho, por iniciativa das professoras Albertina Medeiros, Viviane Faraco e do professor Roberto Simon, assessorados por Tamiko Yamada e Gui Bonsiepe para a elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Desenho Industrial, aprovado pela Resolução Consuni 029/96.

Lembra quais eram as principais dificuldades nesses primeiros anos?

Um curso novo é sempre um grande desafio, mas para nós, professores, essas mudanças são estímulos que dão movimento e fruição no âmbito do ensino-aprendizagem. A realidade em 1996

é que havia professores da extinta Licenciatura em Educação Artística que foram realocados no curso de Design, nas disciplinas mais próximas à atuação de cada um. Então, outro exercício que tivemos que fazer foi convidar docentes de outros departamentos para ministrarem disciplinas, tais como: História da Arte e do Design, Estética, Antropologia.

Neste contexto, fui o primeiro professor designer a passar no primeiro processo seletivo e participei informalmente nas discussões para implementação do curso. Três anos depois, fui aprovado no primeiro concurso público para o quadro efetivo. Havia uma necessidade de contratação de mais professores da área, o que aconteceu ao longo dos anos.

Qual era o cenário do design em SC na época?

Para falar sobre o cenário do design em Santa Catarina, é necessário trazer um breve relato sobre o Laboratório Brasileiro de Design (LBDI), que funcionou em Florianópolis até o início dos anos 90, e que motivou a criação do curso de Design da Udesc e depois outros cursos no estado. O LBDI foi criado em 1984, a partir de um Convênio de Cooperação entre várias instituições.

Sua posição geográfica foi estratégica, considerando as características do parque industrial rico e diversificado do estado, com empresas de variados ramos: metal mecânica, têxtil, moveleira, utilidades domésticas, eletroeletrônica, de bens duráveis e de consumo, de base tecnológica, entre outras. O papel do LBDI foi o de aproximar a universidade da realidade fabril do estado, com foco na melhoria de seus produtos e serviços pelo design.

Quais são os principais marcos do curso?

A trajetória do curso é marcada por conquistas e

muito trabalho por parte do corpo docente, discente e corpo técnico. Nesses trinta anos conseguimos implantar vários laboratórios de pesquisa, atrelados à graduação e à pós-graduação, melhorando as relações de pesquisa entre bolsistas de iniciação científica e bolsistas da pós em projetos que abordam uma diversidade temática, bem como projetos relacionados mais diretamente com a comunidade em geral, via extensão.

Alguns marcos importantes foram a criação do CADU; da Inventário EJDm; da revista HFD - Human Factors in Design. Também podemos mencionar a consolidação dos laboratórios, como LabDesign, Laboratório de Fotografia e Estúdio Fotográfico, Laboratório de Modelagem, Laboratório de Tecnologia Assistiva, Laboratório de Impressão 3D, Laboratório de Pesquisa em Design de Interação, Laboratório de Tipografia, além das Oficinas Metal-Mecânica e de Marcenaria, entre outros.

Como você avalia o curso hoje?

É possível assegurar que hoje temos um curso de Design muito maduro e bem estruturado. As reformas dos Projetos Pedagógicos Curriculares sempre trazem mudanças significativas e devemos ter uma atenção especial e agir no presente, observando o que foi construído e, desse presente, termos uma perspectiva de futuro para o curso e sua responsabilidade social.

A interação do curso de Design da Udesc com a comunidade vem aumentando e resulta em trabalhos de alcance social. Também a aproximação do curso em suas duas habilitações com o parque industrial catarinense, com as empresas de base tecnológica, vem numa crescente, com a inserção de nossos egressos ou dos estudantes por meio de estágios obrigatórios. ■



Workshop promovido em 2023.
Foto: acervo Udesc

Criado pela Udesc, Brasil tem o primeiro doutorado profissional em Design de Vestuário e Moda

Proposta busca aproximar a produção acadêmica das demandas do mercado

Valentina Orlandi, Núcleo de Comunicação

Em 2025, a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) se tornou a primeira instituição do Brasil a desenvolver um doutorado profissional em Design de Vestuário e Moda. Ofertado no Centro de Artes, Design e Moda (Ceart), o programa recebeu a primeira turma no segundo semestre de 2025 e inaugurou uma nova etapa de formação voltada à inovação no setor da moda.

A proposta do doutorado é aproximar a produção acadêmica das demandas do mercado de moda e do setor têxtil, áreas em que Santa Catarina tem destaque nacional

e internacional. “O curso foi criado para que o conhecimento produzido na universidade seja aplicado em empresas e organizações do setor”, explica Sandra Regina Rech, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Moda (PPGModa).

Os trabalhos desenvolvidos no programa deverão atender a problemas reais de produção, gestão, inovação e desenvolvimento de produtos. Para as pesquisas, o principal ponto de partida surge de uma demanda organizacional e a resposta é oferecer propostas aplicáveis no mercado.

O processo de criação do curso começou após o mestrado profissional em Design de Vestuário e Moda, existente desde 2017, receber nota 4 na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) referente ao período de 2017 a 2020. Essa nota habilitou o programa a pleitear a abertura de um doutorado. Após tramitações internas e aprovação pelo Ministério da Educação (MEC), o curso foi homologado em setembro de 2024 e implementado no primeiro semestre de 2025.

O PPGModa, que já formou 88 mestres, conta com duas linhas de pesquisa: “Design de Moda e Sociedade” e “Design e Tecnologia do Vestuário”. O corpo docente é formado por 16 professores de instituições como Udesc, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), com formações que incluem Design, Moda, Engenharia de Produção, Engenharia Têxtil, Administração e Economia.

Hoje, no Brasil, há também o Doutorado Acadêmico em Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo (USP). Embora ambos tenham o mesmo grau de titulação, ou seja, são equivalentes em termos de reconhecimento e validade, eles se diferenciam



1. Aula magna 2025. 2. Visita de representantes da Escola de Design do Politecnico di Milano em 2023. 3. PPGModa recebe professor da UFMG. Fotos: acervo Udesc

em foco e finalidades. O doutorado da USP é de natureza acadêmica, centrado em pesquisas teóricas e tendo como produto final exclusivamente a tese, abrangendo toda a cadeia têxtil, incluindo o estudo de fibras, matérias-primas e processos de fiação.

Já no doutorado profissional ofertado pela Udesc, além da tese, deve ser desenvolvido um produto ou artefato que possa gerar patente ou registro técnico. O foco vai de tecidos já elaborados até o produto final voltado ao consumidor.

Curso amplia alcance da Udesc

A coordenadora do PPGModa destaca que a iniciativa deve estreitar os laços entre a universidade e o mercado da moda, além de ampliar o alcance

“O doutorado traz uma nova perspectiva para o que se produz na universidade”, afirma a professora Sandra Regina Rech.

da pesquisa científica. “Santa Catarina já é um polo têxtil, mas a criação do doutorado traz uma nova perspectiva para o que se produz na universidade”.

A primeira turma conta com 12 alunos e a maioria já passou pelo PPGModa ou pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Udesc. Além de egressos, o grupo também conta com estudantes que ingressaram por meio de ações afirmativas.

Para os próximos anos, a previsão é ampliar a internacionalização, com editais voltados a estudantes estrangeiros, por meio do Grupo

de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB) e do Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação (PEC-G).



Workshop promovido pelo PPGModa em 2023. Foto: acervo Udesc

Desde sua criação, o PPGModa busca atender às demandas regionais e nacionais de um mercado consumidor cada vez mais atento às repercussões sociais, culturais e econômicas da indústria da moda. A sustentabilidade, estruturada nos pilares ambiental, econômico e social, está entre os temas recorrentes de pesquisa e é vista como o “DNA do programa”.

O processo seletivo para ingresso no doutorado ocorre uma vez por ano, junto ao do mestrado. A coordenadora reforça que a consolidação do programa depende de um esforço coletivo nos próximos anos. “Um programa de excelência não nasce do dia para a noite. É um trabalho conjunto entre docentes, discentes e coordenação para que o programa se torne uma referência nacional e, por que não, internacional?”, comenta a professora Sandra Regina Rech. ■



Workshop promovido em 2023. Foto: acervo Udesc



Workshop promovido em 2023. Foto: acervo Udesc



Aula magna 2024. Foto: acervo Udesc



Oficina no Ceart com alunos do curso de Fisioterapia.
Foto: Julia Cataneo

Moda Inclusiva: projeto de extensão leva diversidade para passarelas

Iniciativa confecciona peças adaptadas para pessoas com deficiências físicas

Valentina Orlandi, Núcleo de Comunicação

Com o objetivo de produzir roupas adaptadas para pessoas com deficiências físicas, o Departamento de Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) desenvolve o projeto “Moda Inclusiva”. Iniciada no segundo semestre de 2025, a ação envolve estudantes na cocriação de peças com modelos amputados e cadeirantes, que integra as práticas pedagógicas entre disciplina do curso de Moda e projetos de extensão e cultura.

O projeto foi idealizado pela professora Neide Schulte e chefia do Departamento de Moda (DMO), com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Udesc. Com o objetivo de ampliar o olhar sobre acessibilidade no vestuário, o projeto recebe apoio da professora Gabriela Kuhnen, também do DMO, e da modelo e empresária Samanta Bullock, referência internacional em moda inclusiva. Após reuniões entre docentes e pró-reitoria, a iniciativa passou a fazer parte das atividades da disciplina “Moda e

Sustentabilidade”, ministrada pela professora Gabriela Kuhnen, com apoio do programa de extensão Ecomoda Udesc, coordenado por Neide.

“A proposta busca sensibilizar os estudantes para pensar o design de moda além da estética, considerando também as necessidades e limitações de diferentes corpos”, explica a professora Gabriela Kuhnen. Para promover essa abordagem, foi firmada uma parceria com o projeto de extensão Reabilitação Multidisciplinar em Amputados (Ramp), do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (Cefid) da Udesc. A colaboração entre os dois centros aproximou estudantes de moda de modelos reais, ampliando o sentido social do aprendizado.

Desde então, as aulas da disciplina têm sido estruturadas em torno da criação de peças adaptadas, com foco na funcionalidade, conforto e autonomia dos modelos. Os 40 alunos da quarta fase do curso de Moda que participam do projeto estão divididos em 14 grupos e trabalham diretamente com 16 voluntários do Ramp, que participam do processo como colaboradores ativos.

Os grupos realizam entrevistas, testes de modelagem e ajustes com base nas demandas de cada participante. As aulas incluem pesquisa de campo, costura e experimentações práticas a partir da análise das limitações motoras e rotinas individuais, a fim de compreender as dificuldades relacionadas ao ato de se vestir.

De acordo com a professora Gabriela Kuhnen, o contato direto com os modelos é o ponto central da metodologia. O trabalho parte da observação das necessidades físicas para propor soluções e redesenhar por completo as peças. Isso inclui, por exemplo, roupas com fechos adaptados para quem tem dificuldades de coordenação, tecidos que

não causam sensibilidade tátil e modelagens que facilitam o vestir e/ou o uso de próteses.

Além da acessibilidade, o projeto também trabalha com a sustentabilidade. As roupas criadas para a coleção de moda Inclusiva são feitas a partir de peças doadas pela marca Highstil de São Paulo, que foram reaproveitadas por meio do processo de upcycling, técnica que transforma peças em



Oficina com alunos de Fisioterapia. Foto: Julia Cataneo



Desfile realizado na Alesc. Foto: Julia Cataneo

novas criações. As roupas não comercializadas são encaminhadas ao programa de extensão Ecomoda Udesc, coordenado pela professora Neide Schulte. Essa prática aproxima as empresas e os alunos aos princípios da sustentabilidade e do consumo responsável, dois eixos estruturantes da disciplina Moda e Sustentabilidade.

Colaboração internacional

A iniciativa abriu espaço para a troca de experiências com Samanta Bullock que, a distância, reforça o vínculo entre o projeto e o debate internacional sobre moda inclusiva. De Londres, onde mora, ela acompanha o andamento das turmas em mentorias virtuais, oferecendo contribuições sobre modelagem e ajustes. Reconhecida por organizar desfiles com modelos cadeirantes e amputados, ela defende que a inclusão deve fazer parte da formação em design, e não tratada como tema complementar.

Para a modelo e empresária, a moda inclusiva é um caminho inevitável para o futuro do setor, mas ainda é uma lacuna a ser preenchida. “Ainda são poucas as marcas que pensam nesses corpos. É importante que os alunos pensem nessa questão de acessibilidade, porque é muito difícil você mudar a mentalidade de algo que já está formado”, conclui.

O projeto propõe que no final do semestre os produtos desenvolvidos pelos estudantes sejam apresentados em desfiles, tendo como modelos os próprios pacientes do Ramp. Em 17 de novembro de 2025, será realizado o Desfile Amputação em Movimento - Moda e Inclusão na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Alesc), pelo Ramp – Cefid Udesc. A coleção também será apresentada no Floripa Eco Fashion, durante o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler (FIK 2025), no dia 21 do mesmo mês.

Além disso, a expectativa é que as melhores criações ganhem projeção fora do país. Segundo Samanta, as peças mais expressivas feitas pelos estudantes da Udesc devem integrar um desfile em Londres, em 2026, com foco em design inclusivo. “A moda precisa ser inclusiva, porque dados

mostram que muitas pessoas com deficiências precisam de adaptações, e o nosso curso quer estar à frente”, afirma a professora Neide.

Hoje, Santa Catarina registra cerca de 500 mil pessoas com deficiência, o que corresponde a 6,9% da população, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao integrar práticas pedagógicas com demandas sociais, o projeto insere o Departamento de Moda da Udesc em um campo de pesquisa e atuação ainda pouco explorado no país.

Além de promover a inclusão e preencher uma lacuna do setor, o projeto também reafirma o papel da universidade pública na produção de conhecimento comprometido com a inclusão. “Acho importante mostrar que uma universidade, mantida

com o dinheiro de todos, pode gerar impacto direto na sociedade. E não só para as pessoas com deficiência, mas também para os alunos, que aprendem a enxergar a profissão de forma mais humana”, destaca Gabriela Kuhnen.

O projeto ainda está em andamento, mas já aponta para um novo horizonte dentro do Ceart. O diálogo entre diferentes áreas, a valorização da extensão e a escuta atenta às demandas sociais transformam a forma como a moda é ensinada. Na Udesc, a moda inclusiva deixou de ser exceção para se tornar parte do currículo, passo importante para que o design de roupas também vista acessibilidade. “Estamos trazendo de modo significativo aos alunos a sensibilização de olharem para o outro e saberem que eles devem existir de forma digna”, afirma a professora Gabriela. ■

“Ainda são poucas as marcas que pensam nesses corpos. É importante que os alunos pensem na acessibilidade, pois é difícil mudar a mentalidade de algo já formado”, diz a professora Samanta Bullock.



Ateliê do Ceart como laboratório para as produções. Foto: Julia Cataneo



Foto: Pietra Simioni

Memórias do ensino de Música na Udesc

Entrevista com a professora Maria
Bernardete Castelan Póvoas

Pietra Simioni, Núcleo de Comunicação

A história dos cursos do Departamento de Música (DMU) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) se entrelaça com as vivências da professora Maria Bernardete Castelan Póvoas. Apaixonada por lecionar, ela acompanhou as evoluções desde a antiga Licenciatura Curta em Educação Artística, criada na década de 1970 na Faculdade Estadual de Educação, hoje Centro de Ciências Humanas e da Educação (Faed), até a consolidação do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart), fundado há quatro décadas.

Então diretora-geral do curso de Educação Artística, foi a responsável pela coordenação e finalização do projeto. “Tudo ocorreu em época de difícil operacionalização (não era da computação), dos últimos meses do ano para aprovação, ao início do semestre seguinte”, confessa a professora.

Pianista, doutora, mestra e bacharel em Música na área de Práticas Interpretativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Maria Bernardete é professora aposentada da Udesc e segue atuando como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS). Desenvolve atividades de ensino, extensão e pesquisa sobre prática instrumental, repertório pianístico, música de câmara e música brasileira. Ao longo da carreira participou de projetos que garantiram a continuidade da Licenciatura em Música, criaram o Bacharelado e ampliaram a formação musical na universidade. Ao acessar sua memória, Maria Bernardete Castelan Póvoas também reconstrói a história do ensino de música na Udesc.

1. Como sua trajetória na Udesc se relaciona com o desenvolvimento dos cursos de Música?

Eu entrei na Udesc logo que cheguei da França (no final de 1974) onde realizei estudos depois do Bacharelado. Inicialmente trabalhei na secretaria e no coral, que já existia e onde algum movimento musical já havia começado, e, em seguida comecei a dar aulas de Harmonia, porque o curso de Licenciatura Curta em Educação Artística recém criado precisava de professores para se estruturar. Era necessário ter especialistas em música, mas praticamente não havia. Isso lá na Faed, porque o curso estava bem no início. Havia a professora Nanci Battistotti, cujo nome faço questão de mencionar, pois ela foi pioneira e idealizadora do curso de Educação Artística, junto com o professor Dimas Rosa. Assim, comecei a dar aulas de Harmonia. Pouco depois, antes de completar dois anos, a Licenciatura Curta foi transformada em Licenciatura Plena em Música. Eu fiz parte desse projeto. Santa Catarina foi um dos estados pioneiros neste considerado “avanço”.

2. Qual foi o maior desafio enfrentado nesse período inicial?

Os desafios foram muitos. Em vários momentos, tivemos que afirmar: “a música é essencial na educação do indivíduo, nós somos importantes, nós somos necessários, a nossa existência tem valor”. Isso aconteceu várias vezes e até hoje ainda acontece, ocorre em diversos momentos e

instâncias. Mas eu acho que um dos momentos mais marcantes foi talvez 1979 ou 1980, ocasião em que houve um forte movimento dentro da reitoria contra a continuidade dos cursos de Educação Artística, liderado por uma pessoa muito influente e que alegava, entre os argumentos, ser um curso caro.

De repente, a gente ficou sabendo pelo jornal que o edital dos vestibulares da Udesc tinha saído, mas, para nossa surpresa, não incluía os cursos de Artes.

Os desafios foram muitos. Tivemos que afirmar: “a música é essencial na educação do indivíduo, nós somos importantes, somos necessários, a nossa existência tem valor”.

Eu era diretora na época e foi um choque. Imagine: não somente nós, professores, perderíamos nossos empregos, mas a educação, a sociedade perderia uma oportunidade enorme e única de ter um ensino formal da arte no estado. Então, da noite para o dia resolvi escrever um documento, o mais conciso e convincente possível, que levei pessoalmente ao reitor, professor Lauro Zimmer. Era nossa última cartada.

Quando entrei na sala dele, fiquei em pé o tempo todo. Foi uma forma de me sentir mais segura, talvez me impor, pois a situação era muito tensa e tinha que ser resolvida rapidamente, para não correr o risco de a situação se estabelecer formalmente, legalmente. Li o documento, mesmo sendo interrompida várias vezes pelo telefone da Reitoria, mas consegui chegar até o final. Quando terminei, o reitor olhou para mim e disse: “Bernardete, eu advogo o teu pedido.” No dia seguinte, o edital com nossos cursos de Educação Artística foi oficialmente publicado.

Esse episódio foi histórico, porque poderia ter

mudado completamente os rumos das coisas. Se o curso tivesse sido barrado ali, teríamos vivido um atraso enorme até chegar onde estamos hoje. A vida é assim, acontece com a gente ou sem a gente, mas naquele momento eu sabia da importância do que estava em jogo. Mais tarde veio a criação do Centro de Artes, fruto de muito trabalho. Ainda hoje, há quem olhe para nós como se não trouxéssemos lucro. Mas trazemos, sim.

3. Qual a importância de implementar, em Santa Catarina, primeiro a licenciatura e depois o bacharelado em Música?

A importância desses cursos vem justamente da necessidade; era uma demanda do estado. O primeiro curso de bacharelado e a primeira Licenciatura em Música de Santa Catarina foram criados aqui na Udesc. Então, foi importante porque ajudou a suprir as necessidades das orquestras, formando músicos em excelente nível. Com relação ao piano, temos pianistas que construíram carreira aqui e também no exterior. Alguns seguiram como solistas, outros se dedicaram à música de câmara ou ao ensino em escolas. Muitos alunos de piano dão aulas, formam novos estudantes, trabalham como correpetidores acompanhando cantores e grupos. Alguns abriram seus próprios estúdios e encontraram espaços de trabalho bastante relevantes, tanto em Florianópolis quanto fora da capital.

A importância também está no impacto da música para a educação. Há muitos estudos científicos que comprovam como a prática musical estimula o cérebro humano. Li recentemente artigos que falam sobre a importância de as crianças ouvirem música e conviverem com ela. A musicoterapia, por exemplo, auxilia no desenvolvimento intelectual, na

orientação e compreensão de sintomas e problemas de doenças de comportamento e deficiências em diferentes níveis.

Além disso, a música também lida com a matemática. A gente trabalha a proporção, que é o valor das notas, o tempo, o ritmo. Essa lógica pode ser rígida ou flexível, e aprender a lidar com ela é um ganho enorme, tanto estético quanto sensível. Dá ao ser humano mais flexibilidade de pensamento, abre espaço para mudanças e ajuda a evitar posturas radicais, que considero prejudiciais. Então, eu acho que a música desenvolve todos esses aspectos.

4. De que forma o curso contribuiu, ao longo dos anos, para a formação de professores e para o cenário artístico catarinense?

A licenciatura já começou a contribuir logo no início. Os alunos foram ocupando espaços nas escolas de Santa Catarina, no ensino básico. Claro que o espaço destinado à música dentro do currículo educacional sempre foi pequeno, mas, mesmo assim os professores formados aqui passaram a atuar conforme as possibilidades. Isso acontece até hoje. Lembro que, já nas primeiras turmas, nossos egressos foram dar aulas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e muitos outros de Florianópolis e do interior.

Muitos dos formados seguiram para pós-graduação, começando pela especialização, quando ainda não tínhamos mestrado. Depois, alguns foram cursar mestrado e doutorado, atuando em todo o estado e fora dele. Há ex-alunos que seguiram carreira no exterior, como na Alemanha, Áustria e Inglaterra. Outros escolheram a carreira solo ou ingressaram em orquestras. Todos conseguiram encontrar seu

espaço, seja como músicos profissionais, como docentes ou conciliando as duas funções.

5. De que forma o curso participa da vida cultural da comunidade, por meio dos projetos de extensão?

Eu digo que é tácito porque os cursos sempre foram abertos à comunidade. Então, basta uma criança ou adolescente participar, mesmo que por pouco tempo, para que já haja um ganho. Ainda que depois não queira mais continuar, a experiência deixa uma profunda influência positiva. Além disso, há os projetos de concertos que vão até às comunidades, às escolas ou saem de Florianópolis. Temos exemplos como o Quarteto de Cordas, a Big Band, que participa de eventos, e até festivais. O Coral da Udesc também sempre foi muito atuante, sempre teve um papel importante na divulgação da música e do repertório em Santa Catarina e até fora do estado, participando de festivais. Agora também existe o Madrigal, que é maravilhoso.

Por isso, acredito que a extensão tem um papel fundamental na divulgação dos diferentes fenômenos artísticos. Levar a música para lugares onde ela não está facilmente presente, mostrar que ela existe, que é maravilhosa, será sempre uma de nossas funções enquanto artistas e professores. Mas a extensão não deve ser apenas sobre levar a arte, e sim também abrir mais espaços no sentido de formação e de novas oportunidades.

Participar da Big Band, do Coral ou de outros grupos já é, por si só, um processo de formação. O Programa de extensão Pianíssimo, coordenado pelo professor Luís Cláudio, é um exemplo, crianças vêm ter aulas de piano aqui. No entanto, penso que

poderia haver ainda mais programas nesse sentido, ampliando as oportunidades de formação. Mas há também os programas Piano em Foco, que comecei em 2004, Ponteio, Orquestra e, mais recentemente, a Camerata de Violões, entre outros.

Para os 40 anos do Ceart, meu carinho e votos de que continue e evolua em seu foco na Arte e Educação com níveis e reverberações construtivas, somente. Meu respeito aos colegas de tantas forças e experiências. ■



Foto: Pietra Simioni



Roda de conversa nos 20 anos do grupo de pesquisa ForMusi/CNPq, em 2024.
Foto: Fernanda Ferreira

Música além da nota: a excelência do PPGMUS

Programa é referência em qualidade acadêmica, técnica e ética

Isabella Rosa e Isadora Pavei, Núcleo de Comunicação

Capacitar professores-pesquisadores para atender as demandas da área de Artes, com ênfase em Música, e contribuir para a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a estética e a ética musical. Essa é a missão do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Criado em 2006, o programa é pioneiro no estado catarinense e já formou cerca de 260 mestres e doutores.

Em 2022, o PPGMUS alcançou a nota 5 na Avaliação Quadrienal da Capes (2017-2020) — conceito que indica desempenho muito bom e o posiciona entre os melhores PPGs do país. Cinco anos antes dessa conquista, o programa já havia obtido a nota 4, marco que possibilitou a implementação do curso de doutorado.

“Esse reconhecimento é fruto da experiência acumulada e da produção qualificada de docentes, discentes e mestres titulados”, afirma Teresa Mateiro, professora do Departamento de Música (DMU) da Udesc há mais de 25 anos e atual coordenadora do

programa. Para ela, os bons resultados refletem o amadurecimento e a excelência da produção acadêmica e artística do PPGMUS, em uma trajetória marcada pelo trabalho colaborativo.

Início e desenvolvimento do programa

Em meados dos anos 2000, os docentes do Departamento de Música (DMU) perceberam que os estudantes formados em licenciatura e bacharelado na universidade que desejavam realizar pós-graduação tinham que ir para outros lugares, já que a instituição não oferecia um programa para isso.

Assim, coube a um grupo de professores a iniciativa de propor e implementar o PPGMUS. Apesar dos desafios para atingir os requisitos necessários, como a aderência e decisão da área de pesquisa dos docentes, ele foi aprovado em 2006. E, após alguns meses, já em 2007, iniciaram as atividades do primeiro curso público, em nível de Pós-Graduação Stricto Sensu, na área de Música em Santa Catarina: o Mestrado Acadêmico em Música.

Para o professor aposentado Marcos Tadeu Holler, o movimento de implementação do PPGMUS foi natural e revelou um papel de destaque na universidade. “As produções científicas dos docentes eram isoladas, então quando é formado um grupo de pesquisa pronto para gerar discussões com todos, o curso ganha um diferencial. Não são só professores envolvidos, são estudantes e convidados de fora [da universidade] também”, afirma.

Em novembro de 2018, o Doutorado em Música da Udesc foi homologado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e, em agosto de 2019, iniciava as atividades. A proposta e a aprovação do curso foram impulsionadas pela obtenção da nota 4 na Avaliação

Quadrienal, em 2017. Em 2022, uma nova conquista: o aumento da nota para 5, resultado do trabalho conjunto dos corpos docente, técnico e discente.

A consolidação do mestrado, as avaliações positivas pela Capes e a implementação do doutorado configuram os principais marcos do amadurecimento do PPGMUS e reafirmam sua posição de destaque e qualidade acadêmica.

Qualidade na formação docente

O programa é crucial para a formação de novos pesquisadores e docentes altamente qualificados. Ao cumprir seus compromissos de inserção social, o PPGMUS oferece uma formação que vai além da



Aula inaugural do doutorado em Música com o professor e músico Vladimir Safatle, em 2019. Foto: Nicolas Haverroth

dimensão técnica, ou seja, capacita profissionais que realizam pesquisas pautadas na qualidade ética das interações humanas e sociais.

Os egressos, enquanto docentes em diversos níveis de ensino, levam consigo uma abordagem crítica e responsável, focada em promover a diversidade em suas práticas pedagógicas e de pesquisa. Esse preparo ético impacta diretamente a qualidade da formação de futuros profissionais da música em escolas, universidades e outros espaços, tanto em Santa Catarina quanto em outras regiões do país onde esses profissionais podem atuar.

Um dos pilares para a qualidade do PPGMUS é a proficiência do Núcleo Docente Permanente (NDP), composto por professores e pesquisadores engajados e ativos tanto na área acadêmica quanto artística, reconhecidos a nível nacional e internacional. A atuação dos professores vai além da sala de aula, estendendo-se à publicação de resultados de pesquisas em periódicos de destaque, à produção artística e técnica, à prestação de serviços à comunidade e à participação em importantes atividades de gestão acadêmica.

As teses e dissertações desenvolvidas no programa, dentro das linhas de pesquisa “Educação Musical” e “Musicologia e Processos Criativos”, são um testemunho da relevância da produção acadêmica do PPGMUS. Os trabalhos revelam inovação metodológica, impacto social e contribuições substanciais para o campo da música, no âmbito pedagógico, artístico e cultural.

Nas defesas, bancas examinadoras contam com especialistas de renomadas instituições nacionais e internacionais para garantir o rigor acadêmico e a interdisciplinaridade nas avaliações.

Ao considerar os compromissos do percurso, como vocação pública, capacidade de inserção na trajetória profissional, acadêmica e musical, o programa reúne pessoas comprometidas com os desafios e atividades desenvolvidas. São elas: egressos, estudantes, bolsistas de iniciação científica, pesquisadores em pós-doutoramento, docentes visitantes, docentes colaboradores, docentes permanentes e técnicos universitários.

Diversidade e inclusão como pauta

Nesses quase 20 anos, o programa teceu uma rede de correlações educacionais, políticas e socioculturais. Nos primeiros anos, o PPGMUS atraía principalmente estudantes da Grande Florianópolis. Logo, passou a receber pessoas de outras regiões metropolitanas de Santa Catarina, além de municípios situados no interior da Região Sul. Com o tempo, discentes oriundos de outros estados passaram a procurar o programa, que também tem recebido alunos de países como Angola, Argentina, Colômbia e Estados Unidos.

Reforçando o compromisso com a democratização do acesso e a redução das desigualdades, o PPGMUS passou, por um período, a oferecer vagas suplementares regionais em seus processos seletivos. “Inspirada em ações afirmativas e apoiada em diagnósticos da Capes e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) sobre a concentração de programas de pós-graduação nas regiões Sudeste e Sul, a iniciativa buscava ampliar as oportunidades para candidatos de regiões historicamente sub-representadas, como Norte, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil”, explica a coordenadora Teresa Mateiro.

Desse modo, o programa se consolidou como um

espaço de formação, produção, estudo e pesquisa musical povoado por múltiplos sotaques e escutas. Para Teresa, a abrangência geográfica do programa é decisiva para promover diversidade e inclusão na academia: “O PPGMUS não só enriquece a pesquisa com múltiplas vozes e abordagens, como também forma docentes aptos a criar ambientes de aprendizagem e pesquisa mais inclusivos e representativos, influenciando positivamente a cultura acadêmica musical no Brasil”, acrescenta.

Essa diversidade também cria um ambiente intelectual dinâmico. A riqueza de referenciais impacta diretamente na constante atualização das linhas de pesquisa, grupos de estudo, ementas de disciplinas e nos problemas de investigação desenvolvidos pelos docentes e discentes.

Teresa também ressalta o objetivo de combater discriminações de cultura musical, escolaridade, classe socioeconômica, raça, religião, orientação política e identidade de gênero nos processos e produtos intelectuais do programa, o que posiciona o PPGMUS como referência na sociedade.

Em suma, o programa impacta a pesquisa em Música ao ser um polo gerador de conhecimento singular no estado. Além disso, comprometido com a formação docente, prepara profissionais competentes acadêmica e socialmente responsáveis e engajados na construção de uma Musicologia e de uma Pedagogia da Música mais justa e inclusiva no país. ■

1. Disciplina “Ofício da Regência: da Poética à Performance”, pela profa. Cristina Emboaba
2. Primeiro Seminário do PPGMUS, em 2007
3. Encontro de Composição Contemporânea UFRJ/Udesec, outubro de 2025. Fotos: acervo Udesec





Foto: Gus Benke

Inovação na arte: pesquisa usa dança para acolher pessoas em situação de deslocamento forçado

Projeto articula narrativas coerográficas e práticas corporais integrando arte e inclusão social

Pietra Simioni, Núcleo de Comunicação

A pesquisa “Transicionando memórias através da composição sensório-motora”, desenvolvida por Patrícia Natividade Machado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Udesc propõe uma abordagem inovadora e sensível para acolher pessoas em situação de deslocamento forçado em um novo país. O projeto, defendido em agosto de 2025 e orientado pela professora Bianca Sciar, articula narrativas coreográficas e práticas corporais em uma proposta que integra arte, psicologia e inclusão social.

A metodologia se apoia em técnicas de escuta performativa e escultura social, criando uma perspectiva viva, inventiva e exploratória para o momento de chegada a um novo território. A abordagem questiona como a prática artística pode contribuir para redesenhar a própria definição de um povo, da chegada e da co-composição do sentido de pertencimento em movimento.

Do projeto nasceram cinco obras em formatos diversos, incluindo espetáculos, ações formativas e um áudio-performativo intitulado “Le guide de bienvenue: l’histoire s’écrit maintenant”. Desenvolvido durante o estágio de Patrícia na Universidade de Concordia, no Canadá, o áudio foi criado de forma colaborativa com pessoas solicitantes de refúgio, em hotéis de transição na província do Quebec.

Áudio-performativo

Com duração de 10 a 15 minutos, o áudio-performativo convida o ouvinte a ações dentro dos próprios quartos dos hotéis de transição, como arrastar a cama, mover objetos ou deitar no chão. Ele também traz informações semelhantes às dos panfletos de serviços essenciais fornecidos aos refugiados que chegam em um novo país. Com tradução em seis idiomas – português, árabe, farsi, espanhol, inglês e francês –, a gravação foi feita com as vozes dos próprios participantes.

Como explica Bianca Scliar, o material pode ser entendido como uma “dança expandida”, em que a dança é criada por quem escuta, transformando pensamentos e ações físicas em uma proposição coreográfica. “O áudio presenteia e presentifica uma coreografia. A dança é tanto esse imaginário, quando o próprio pensamento que vai se movimentando na escuta, enquanto as vozes narram indicações de gestos, perspectivas, memórias”, explica a docente.

A escolha pelo formato de áudio surgiu devido a limitações impostas pelas autoridades migratórias, como a restrição das visitas aos quartos. Também não era permitido deixar nas moradias de transição os materiais dos workshops com enfoque criativo e artístico que ocorriam dentro do programa de recepção dos órgãos governamentais e o Instituto de Psiquiatria Social da Universidade

McGill, responsável por acompanhar o projeto de acolhimento em sua íntegra. “O áudio permitia manter nossa presença ativa sem estarmos fisicamente lá. As pessoas podiam escutá-lo quando quisessem”, afirma Patrícia, responsável pela condução das atividades com os asilados.

Embora individual, o áudio incentiva o senso de coletividade entre os participantes, destacam as autoras. “Na época em que estávamos em campo, pedíamos para que as pessoas dessem feedback. Muitos relataram como aquilo trazia um senso de coletividade, mostrando quantas pessoas também estavam naquela situação ou já haviam passado por aquele quarto”, conta a pesquisadora.



Foto: Gus Benke

Desde sua estreia, em agosto de 2024, a obra integra o acervo das ações de acolhimento do Welcome Haven, programa comunitário vinculado à Divisão de Psiquiatria Social e Transcultural da Universidade McGill, em Montreal, no Canadá.

Reconhecimento

A pesquisa de Patrícia recebeu o 3º lugar no Prêmio Udesc de Inovação, realizado em 2025, na categoria Aluno/a de Pós-Graduação. Criada para valorizar a criatividade e o protagonismo da comunidade acadêmica, a premiação busca reconhecer agentes e práticas inovadoras desenvolvidas na Udesc com resultados concretos e impacto positivo no meio acadêmico, científico e social.

Sobre o reconhecimento de um trabalho artístico e social em um prêmio de inovação, Patrícia explica que artistas desenvolvem uma escuta única. “Acredito que nós, artistas, conseguimos realizar ações específicas dentro do campo porque desenvolvemos uma escuta que não é só narrativa, mas também corporal, uma escuta vibrátil”, defende.

O projeto também conquistou o prêmio Fellows Award na conferência anual da Dance Studies Association, realizada em Washington, nos Estados Unidos. O reconhecimento foi concedido a apenas quatro pesquisas de destaque mundial na área dos estudos da dança. As autoras destacam a relevância da premiação, como o reconhecimento da pesquisa em dança desenvolvida na Udesc e no PPGAC.

Dança como inovação

O trabalho de Patrícia é um exemplo da relevância dos estudos da dança e do papel dos profissionais da área que realizam pesquisas experimentais

e investigativas com impacto social. “Estamos exportando um know-how, um jeito de fazer, que a Patrícia produziu enquanto embaixadora. Esse modo de trabalho precisa ser multiplicado, pois não é algo exclusivo a uma ação de criação espetacular, é uma pedagogia do movimento, integrada à urgência de ações de acolhimento no contexto atual”, diz Bianca.

Para a docente, é fundamental reconhecer a importância dos estudos da dança e do trabalho de profissionais capazes de dialogar com a sociedade. Ela reforça que integrar o fazer artístico às políticas públicas e às práticas sociais é um movimento extremamente positivo. “Não há aspectos negativos nesse processo, apenas benefícios, pois amplia o alcance da arte e contribui de forma efetiva para a transformação social”, destaca. ■



Foto: Gus Benke

Arte pública em preservação: projeto renova murais e esculturas

Além de realizar o restauro de obras do centro, iniciativa promoveu formações para a comunidade acadêmica

Maria Eduarda de Souza e Pietra Simioni, Núcleo de Comunicação

Entre 2022 e 2024, o Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) desenvolveu um amplo projeto de conservação e restauro de obras de arte localizadas no Campus I da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). A iniciativa garantiu a preservação de murais, esculturas e painéis históricos. Também deu origem a materiais de pesquisa e divulgação – entre eles, uma nova seção no site do centro, intitulada “Patrimônio Cultural”, e o livro “Arte pública em preservação: uma experiência formativa em conservação e restauração na Udesc Ceart (2022–2024)”.



Restauro do mural “Expressar”. Foto: Márcia Escorteganha

Patrimônio artístico e cultural

As obras públicas integram o patrimônio artístico e cultural da universidade, dialogando com a memória e as manifestações da instituição. Além de enriquecerem o ambiente universitário, contribuem com a formação estética e crítica da comunidade acadêmica e externa.

Entretanto, fatores como a exposição contínua ao sol, à chuva e a variações de temperatura, além da manutenção inadequada, podem comprometer a preservação desse acervo. Antes das intervenções do projeto, danos como desbotamento das cores, infiltrações, perda de detalhes e desprendimento de materiais ameaçavam a integridade das peças.



Processo de restauração. Fotos: Márcia Escorteganha

Conservação e restauro

O Núcleo de Produção Cultural coordenou o projeto de preservação do acervo. A execução ficou a cargo da conservadora-restauradora de bens culturais Márcia Escorteganha, doutora em Arquitetura e Urbanismo, professora e egressa da Udesc.

O projeto teve caráter formativo, com cursos, palestras e oficinas que reuniram teoria e prática, envolvendo servidores da universidade, estudantes de graduação e pós-graduação, além da comunidade externa.

Para Márcia, restaurar uma obra vai além de reparos visíveis, já que é um trabalho que exige conhecimento técnico e respeito à criação original. “Restaurar é retirar apenas as patologias, permitindo que a obra recupere uma estética muito aproximada ao seu estado inicial, sem interferir na autoria do artista”, explica.

Ao todo, foram restaurados cinco murais, cinco esculturas metálicas e uma escultura cerâmica.

Nova seção “Patrimônio Cultural”

Como desdobramento das ações, foi lançada no site do Ceart a seção “Patrimônio Cultural”. O espaço reúne fichas catalográficas de cada obra trabalhada, texto de contextualização, mapa interativo com a localização das peças e roteiro.

O conteúdo foi elaborado em parceria com o Centro de Ciências Humanas e da Educação (Faed), como trabalho de conclusão do Estágio Curricular Supervisionado de Luiz Felipe de Souza Borges dos Santos, estudante do Bacharelado em História.

Para Daiane Dordete, diretora-geral da Udesc



Processo de formação e restauração. Foto: acervo Márcia Escorteganha

Ceart na gestão 2021-2025, a seção cumpre um papel estratégico: “Esta página no site auxiliará na publicização do patrimônio artístico e cultural do centro, dimensionando o valor simbólico e artístico desse acervo e possibilitando que a comunidade usufrua dessas obras por meio do Roteiro de Caminhada pelas obras”.

Livro “Arte Pública em Preservação”

Disponível gratuitamente em formato digital, o livro “Arte Pública em Preservação” foi organizado por Márcia Escorteganha e transforma o conteúdo técnico dos relatórios de restauro em uma linguagem acessível para diferentes pessoas.

A publicação reúne um memorial descritivo e analítico de todo o trabalho realizado, detalhando as técnicas e os materiais utilizados. O livro também apresenta entrevistas com artistas cujas obras foram restauradas, além de orientações voltadas à preservação do patrimônio cultural do centro.

Para Márcia, o livro cumpre dupla função: “Além de tornar a informação mais agradável para diferentes leitores, ele também funciona como registro das etapas do restauro, das dificuldades enfrentadas, dos materiais utilizados e das recomendações após o processo, fundamentais para garantir a preservação e a longevidade das obras restauradas”.

Impactos

Para a professora Daiane Dordete, o projeto cria um legado: “Esperamos que tanto o livro quanto a página ‘Patrimônio Cultural’ estimulem a rotina de conservação e restauro de obras de arte e o interesse pela preservação da memória da Udesc”.

Segundo a professora Márcia Escorteganha, o projeto teve um impacto visível na relação da comunidade com o acervo. “As pessoas realmente olham com outros olhos agora para essa arte pública. Antes, muita gente nem percebia as obras, passava por elas ou até encostava bicicleta nas esculturas. Hoje, veem que estão sendo cuidadas e passam a dar um novo valor a elas”, afirma. ■

Saiba mais

O processo de restauro e orientações para a conservação de obras artísticas e culturais estão registradas no livro “[Arte Pública em Preservação](#): uma experiência formativa em conservação e restauração na Udesc Ceart (2022–2024)”, organizado por Márcia Escorteganha.

🌐 udesc.br/ceart/sobreocentro/patrimonio



Espectáculo Raízes de Aiyê.
Foto: Gustavo Fidelis

Prêmios Nudha Ceart: diversidade cultural e compromisso social

Com duas edições realizadas, a premiação se firma como uma iniciativa inovadora, ampliando oportunidades para grupos historicamente marginalizados na arte

Pietra Simioni, Núcleo de Comunicação

Em um cenário em que a representatividade ainda é um desafio estrutural, os Prêmios Nudha Ceart de Diversidades se consolidam como uma política pioneira de valorização de grupos historicamente marginalizados dos espaços institucionais da arte. Organizado pelo Núcleo de Diversidade, Direitos Humanos e Ações Afirmativas (Nudha) do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Udesc, o projeto reconhece a importância das contribuições de artistas negros, indígenas e afro-indígenas para a formação da sociedade e da cultura brasileira.

O prêmio teve sua primeira edição em 2024 e retornou em 2025¹, ampliando o alcance e o impacto da iniciativa. Somente na mais recente, 41 artistas foram premiados diretamente e mais de 150 pessoas foram beneficiadas de forma indireta, entre estudantes, produtores culturais e coletivos envolvidos.

¹ A primeira edição foi intitulada "Prêmios Nudha/Ceart de Diversidades Afro-indígenas 2024". No ano seguinte, a premiação foi lançada como "Prêmios Nudha/Ceart de Diversidades Negras e Indígenas 2025".

A premiação acontece por meio de dois editais: um interno/acadêmico, voltado a estudantes de graduação e pós-graduação do Ceart; e outro externo, aberto a artistas, educadores, grupos e coletivos de Santa Catarina sem vínculo com a Udesc. Desde o início, o projeto não exigiu formação acadêmica nem desempenho escolar, priorizando o potencial artístico das propostas apresentadas.

Nas duas edições, além de oferecer premiações que variaram entre R\$ 2.000,00 e R\$ 10.000,00, o objetivo foi selecionar trabalhos artísticos e culturais para integrarem a programação de diferentes eventos da Udesc, como a Mostra Rosa Teatral, o Ceart Aberto à Comunidade, o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler e o Diálogos Recíprocos – Compromisso com as Diversidades.

As iniciativas contempladas abrangem múltiplas linguagens, conforme a Política Institucional de Cultura da Udesc (Resolução nº 56/2017 CONSUNI), incluindo Artes Cênicas, Artes Visuais, Audiovisual, Música, Design e Moda, Cultura negra e afro-brasileira, Culturas indígenas, Culturas populares, Cultura LGBTQIAPN+ e Artes Feministas, Arte e Cultura para infância e Arte Inclusiva.

Premiação inédita

Ao premiar exclusivamente artistas negros, indígenas e afro-indígenas, os prêmios se destacam como uma ação inédita no contexto das universidades brasileiras. Como afirma a ex-coordenadora do Nudha e uma das idealizadoras do projeto, Ana Merabe: “Ao fazer a opção por grupos socialmente vulneráveis e se dedicar totalmente a identificar, impulsionar e dar visibilidade à arte negra e indígena, o Centro de Artes, Design e Moda da Udesc faz história e inaugura um novo movimento dentro da universidade pública”.

De acordo com a professora Daiane Dordete, diretora-geral do Ceart na gestão 2021-2025, a criação dos prêmios foi resultado de uma construção coletiva entre o Nudha e lideranças de movimentos sociais negros e LGBTQIAPN+. “O projeto apresentado pelo Nudha ao gabinete do deputado estadual Marquito foi construído junto a essas lideranças e pleiteou recursos de emenda parlamentar para viabilizar atividades artísticas e culturais com recortes raciais, de gênero e sexualidade”, explica.

Em 2024, o Nudha recebeu R\$200 mil por meio da Emenda Parlamentar Impositiva nº 2293/2024,



1. Apresentação Kuaray Ouá. 2. Apresentação Baque Mulher Floripa. Fotos: Maria Eduarda de Souza

destinada a apoiar suas atividades contínuas. Já em 2025, os recursos para a criação dos prêmios foram garantidos pela Emenda Parlamentar Impositiva nº 3386/2025, também da Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Alesc), com um incremento de R\$100 mil em relação ao ano anterior, decorrência do reconhecimento dos bons resultados obtidos na primeira edição.

Artistas premiados

Entre os 41 artistas contemplados no edital externo de 2025 dos Prêmios Nudha Ceart de Diversidades, o rapper e ativista Ricardo Luiz de Carvalho, conhecido como MC Cacau, apresentou suas composições no dia 11 de outubro, no Centro Cultural Casa Vermelha, em Florianópolis.

Natural da Grande Florianópolis, MC Cacau se define como o primeiro rapper, b-boy e Baba Ogan cego de Santa Catarina - título que carrega como afirmação de sua existência.

Além de integrar o grupo de samba Nó Cego, o artista também participou da criação do primeiro bloco de carnaval formado por pessoas cegas do estado.

Sua inscrição no prêmio surgiu como uma resposta direta ao capacitismo - uma forma de preconceito que, segundo ele, ainda exclui artistas com deficiência de muitos espaços culturais. “Eu achei muito importante essa parte do Prêmio Nudha de incluir mesmo. A galera com deficiência faz aquilo que muitas pessoas duvidam, como dançar, compor, clamar poesias. Fez eu me sentir uma pessoa valorizada, pois tive uma oportunidade igual a qualquer pessoa, independente de ter deficiência ou não, e passando por cima dessa deficiência chamada preconceito”, explica.

MC Cacau foi o único artista PcD a se inscrever nos editais de 2025. Para ele, mais do que uma conquista individual, o prêmio é um ato coletivo de encorajamento. Ele acredita que sua premiação pode inspirar outras pessoas a acreditarem em seu próprio potencial. “Eu estou me usando como ferramenta para encorajar as pessoas com deficiência a participarem destes editais de oportunidade cultural, no intuito de eles acreditarem neles e entenderem que, se tem um dos nossos que tá lá e conseguiu, por que eles também não?”, diz.

Outra iniciativa vencedora na edição de 2025

foi o grupo Dengo Produções, da cidade de Blumenau, com o espetáculo bilíngue (Português/ Libras) “IKORITA”, que também se apresentou no dia 11 de outubro, no Centro Cultural Casa Vermelha.

Receber o prêmio representou um marco de reconhecimento e afirmação para o coletivo, conta Natele Peter, integrante do grupo.

“É o reconhecimento da nossa trajetória enquanto coletivo que busca afirmar a presença negra na cena artística-teatral catarinense. Pessoalmente, é a confirmação de que nossa voz está sendo ouvida; profissionalmente, representa visibilidade, fortalecimento curricular e a possibilidade de ampliar redes e oportunidades”, fala.

Com o impulso do prêmio, a Dengo Produções ampliou sua presença em diferentes territórios e passou a dialogar com outros artistas comprometidos com a diversidade. “Cada apresentação abre caminhos e amplia encontros. O prêmio nos colocou em diálogo com outras produções, o que sempre gera trocas e futuras

Os prêmios se destacam como uma iniciativa inédita no contexto das universidades brasileiras.

colaborações. Mesmo quando as parcerias não se formalizam, algo é semeado no percurso: ideias, contatos, inspirações”, relata Natale.

Edições futuras

Com duas edições já realizadas, o futuro dos Prêmios Nudha Ceart de Diversidades segue em expansão e aprimoramento. Para o professor Lucas da Rosa, diretor-geral do Ceart na gestão 2025-2029, idealizar e promover esse prêmio representa concretizar o compromisso institucional do centro com a inclusão, o reconhecimento e valorização das culturas negras e indígenas dentro e fora do ambiente universitário.

“Esse edital funciona como instrumento de transformação: ao promover e incentivar a produção artística de autores e autoras negras e indígenas, reforça a ideia de universidade pública, gratuita e de qualidade que, para além da formação acadêmica, assume responsabilidade social, cultural e política. O prêmio é uma forma de dar suporte às políticas de diversidade, direitos humanos e ações afirmativas que guiam esta gestão”, afirma o docente.

A próxima edição dos prêmios já está em fase de planejamento e promete ampliar o alcance territorial da iniciativa. Segundo Janáina Amorim, coordenadora do Núcleo de Diversidade, Direitos Humanos e Ações Afirmativas, a meta é descentralizar as ações e fortalecer o papel educativo da arte. “Para o ano que vem, pretendemos levar a premiação para todas as regiões que a Udesc possui centros de ensino, com propostas direcionadas à construção de uma educação antirracista. Acreditamos que a arte tem o poder de sensibilizar as pessoas de forma lúdica e afetiva, contribuindo para uma mudança real de mentalidade e de valores”, destaca. ■



Apresentação IKORITA. Foto: acervo Nudha

Saiba mais

- 🌐 <https://www.udesc.br/ceart/nucleodiversidade>
- 📷 @nudha.ceart
- 📷 @mccacaurapper
- 📷 @denngo.producoes



Estudantes, professores em formação e comunidade escolar em ação na 2ª Mostra Skholé, em 2024. Foto: Noel Peralta

Escola e universidade em experiência compartilhada

Sala de Aula em Cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas já realizou três edições

Heloise Baurich Vidor, professora do Departamento de Artes Cênicas (DAC), Prof-Artes e PPGAC da Udesc

Júlia Fernandes Lacerda, doutora pelo PPGAC da Udesc, professora de Arte no Ensino Fundamental e colaboradora no Prof-Artes

Túlio Fernandes Silveira, doutorando no PPGAC da Udesc

Imagine crianças e jovens de diferentes escolas públicas e particulares da Grande Florianópolis, estudantes de Artes Cênicas/Teatro que chegam mais cedo às salas de aula, tomados por uma mistura de empolgação e curiosidade diante do “dia diferente” que os espera. Há uma vibração no ar, nas vozes que se cruzam, nas listas conferidas, no som do ônibus que os conduz até a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). O trajeto em grupo já é, em si, parte da experiência.

Para muitos, o campus universitário revela um novo território: espaços amplos, o eco das aulas de música no prédio vizinho, obras nas paredes, cartazes de espetáculos espalhados. Ao chegarem, estudantes da Educação Básica são acolhidos em uma grande sala de prática teatral, chão de madeira, cortinas laterais, refletores suspensos. Logo, chegam alunos de outra escola, e todos recebem a camiseta do evento. As cores vibrantes da Mostra agora os unem: literalmente “vestindo a camisa”.

O encontro é iniciado após uma breve apresentação da equipe organizadora da Mostra que convida os estudantes a realizar um primeiro exercício de interação e reconhecimento

do espaço e das pessoas participantes Assim, de modo fluido e leve, aos poucos os grupos começam a conhecer e se reconhecer para então compartilhar um pouco do que trazem de suas escolas junto com seus professores-artistas. A aula de uma turma é posta em cena para a outra, como uma aula aberta: há atenção, ruídos, silêncio, barulho, curiosidade, uma mistura de reações e interações, enquanto observam uma turma ou mesmo quando são convidados a participar da aula da outra turma.

Entre os intervalos, os risos se misturam com conversas sobre os caminhos para chegar até ali, sobre o Teatro em si, sobre assuntos de seus interesses. Na parede da sala do lanche, algumas frases e palavras escritas em cartazes de papel kraft revelam algo sobre os desejos, os desafios dessas crianças e jovens com a Arte, suas impressões sobre a Mostra, sobre a escola e sobre assuntos diversos, fazem desenhos, deixam recados de amor, colocam suas redes sociais; preenchendo assim o mural de criações, brincadeiras e reflexões que remetem às pichações de muros e carteiras escolares.

Após o intervalo, mais uma aula, mais uma troca coletiva tendo a aula de Artes Cênicas/Teatro como centro da convivência. O encontro é finalizado com uma roda de conversa a partir das impressões, curiosidades, dúvidas e observações das próprias crianças e jovens participantes, na qual essas pessoas que fazem a Educação Básica diariamente (professoras, professores e estudantes), encontram um espaço para o diálogo sobre seus fazeres artísticos escolares, suas aulas diárias, as dificuldades e as possibilidades encontradas para fazer Artes Cênicas/Teatro na escola.

É este o cenário do evento Sala de Aula em Cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas que vem preenchendo o Centro de Artes, Design e Moda

(Ceart) da Udesc com criações de crianças e jovens estudantes junto às suas professoras e professores de Artes Cênicas/Teatro da Educação Básica da Grande Florianópolis, por três anos consecutivos, rumo à quarta edição em 2026. A Mostra foi idealizada por Heloise Baurich Vidor, professora da área da Pedagogia das Artes Cênicas/Teatro do Departamento de Artes Cênicas (DAC), do Programa de Pós-graduação em Artes Ciências (PPGAC) e do Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes); por Júlia Fernandes Lacerda, professora da Educação Básica e doutora em Artes Cênicas; e por Túlio Fernandes Silveira, professor da Educação Básica e doutorando em Artes Cênicas – os dois últimos orientandos da professora Heloise.

A proposta de trazer as salas de aula de Educação Básica para a cena universitária surgiu a partir das pesquisas compartilhadas em torno da Escola, Pedagogia das Artes Cênicas e da Filosofia da Educação, bem como do desejo dos idealizadores em abrir um espaço para que as escolas, de fato, estivessem mais presentes na universidade. O Centro de Artes, Design e Moda, mais especificamente o DAC, é o local responsável por formar uma parte considerável dos docentes em Artes Cênicas/Teatro, através do curso de Licenciatura nesta área.



Foto: Noel Peralta

Entretanto, muitas vezes, somente nas disciplinas de estágio na escola os professores em formação conhecem docentes atuantes na área e adentram os possíveis campos de trabalho na educação formal.

A Mostra, em suas três primeiras edições, destacou a relevância da proposta ao reunir em um encontro anual e contínuo o trabalho de professoras e professores da Educação Básica que, de modo geral, ficam restritos aos espaços escolares e que, ao serem compartilhadas a público, denotam a potência e a diversidade das Artes Cênicas e do Teatro nas escolas da Grande Florianópolis. Reconhecer essa importância é fortalecer a formação docente, mostrando aos futuros professores e professoras que o campo de trabalho é árduo, porém possível e extremamente artístico. Além disso, trazer a escola para o centro da conversa e para o centro da cena, apresenta aos estudantes outras possibilidades de inserção na sociedade, aproximando estas crianças e jovens

de uma formação artística profissional, na carreira universitária ou na produção cultural e artística. A formação, neste caso, se dá nos níveis da Educação Básica para os estudantes, na formação continuada para os professoras e professores que já atuam em escolas e também na formação de futuros docentes de Artes Cênicas/Teatro da universidade.

A materialização da Mostra foi viabilizada através do Edital Interno da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), intitulado Programa de Apoio à Cultura (ProCult) - Campus de Cultura UDESC junto à Pró-reitora de Extensão (Proex), 2023-2024 e, posteriormente, 2025-2026; que fomenta ações culturais nos Centros desta universidade. Em 2025, a Mostra teve parte do fomento pela Política Nacional Aldir Blanc, especialmente no Circuito Catarinense de Cultura - PNAB 2024. Através destes fomentos, a Mostra contou com o envolvimento de outros profissionais da área fundamentais para a execução da proposta: Be May e Camila, como bolsistas de extensão cultural; Antônio César Maggioni, como equipe de apoio; Nathália Albino de Souza, como designer; Noel Caneppa e Djulia Marc, como profissionais de captação de imagem e vídeo; Joanna Tiepo, Carolina Rogelin, como intérpretes de Libras.

Ao longo de suas três edições, a Mostra Skholé vem consolidando-se como um espaço de encontro entre a universidade e as escolas da Educação Básica da Grande Florianópolis. Foram nove dias de atividades que envolveram 30 instituições públicas e privadas e reuniram cerca de mil participantes. No total, participaram 24 grupos do Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Finais, 08 do Ensino Médio e 01 da Educação Infantil. Agora a Mostra caminha para a quarta edição, com o desejo de reunir ainda mais estudantes, crianças, jovens, professoras, professores, artistas em torno de um bem comum:



Estudante registrando no mural da 3ª Mostra Skholé de Artes Cênicas, em 2025. Foto: Isadora Pavei

o ensino das Artes Cênicas e do Teatro, em toda a sua versatilidade, pluralidade, caos e poesia, contribuindo para o fortalecimento da escola como um espaço comum, acreditando que é neste lugar em que é possível estar no momento presente, em criação compartilhada, na construção de novos mundos e identidades.

O que acontece após essa participação? Nós não conseguimos relatar com precisão. Mas sabemos que há um desejo em retornar à UDESC, um laço fortalecido com a professora e o professor de Artes Cênicas/Teatro, uma parceria mais profunda com os amigos da cena. Sabemos que alguns voltaram no ano seguinte da Mostra, agora não como estudantes do Ensino Médio, mas como estudantes da Licenciatura em Artes Cênicas. Isso é o bastante para sabermos que a Mostra precisa continuar.

Agora, imagine isso em três edições, três anos trazendo mais de trezentas crianças e jovens para o espaço universitário a cada edição, compartilhando e estudando Teatro com estudantes das escolas, com futuros professores e com a comunidade em geral.

E então o dia termina. As luzes da sala de prática se apagam aos poucos, as vozes se dispersam pelos corredores e, lá fora, o ônibus aguarda. As crianças e os jovens embarcam de volta, ainda conversando sobre o que viram, o que sentiram, o que imaginaram poder fazer “na próxima vez”. A partir daí, não sabemos ao certo como a experiência reverbera, se em uma nova cena improvisada no pátio da escola, em um olhar curioso durante a próxima aula, ou em um desejo que se acende, silencioso, de continuar no caminho do Teatro. O que esperamos é que o vivido ali transborde: que o encontro entre universidade e escola siga se espalhando, transformando o cotidiano, a sala de aula, a vida das novas gerações. ■

Saiba mais

Para informações sobre os principais fundamentos da Mostra Skholé, acesse o artigo publicado na Revista Rebento:

🌐 <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/962>

1ª edição do Sala de Aula em Cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas.
Foto: Djulia Marc



Ceart de A-Z

Confira nesta seção um pouco do universo do Centro de Artes, Design e Moda da Udesc.



Foto: Gustavo Fidelis

A

ACALOURADA

Semana de recepção de calouros e calouras que o centro realiza anualmente no início do primeiro semestre letivo.

APOTHEKE

O Programa de Extensão Universitária Estúdio de Pintura Apotheke é um espaço de estudos sobre processos pictóricos e cromáticos, explorando a pintura e suas múltiplas derivações no ensino das artes visuais.

BIG BAND UDESC

Projeto de extensão da Udesc que reúne alunos e comunidade externa em uma orquestra de sopros voltada para jazz, música brasileira e improvisação.

C

CEART ABERTO À COMUNIDADE

Evento gratuito e aberto ao público que promove oficinas, apresentações, palestras, exposições, shows e feiras. Saiba mais nas páginas 14-18.

CORAL INFANTIL VIVA VOZ

Projeto de extensão permanente que oferece atividades de canto, promovendo musicalização e desenvolvimento técnico-vocal para crianças.



Foto: Ana Lia Pedrini

B

DIMAS ROSA

Primeiro diretor-geral do Ceart (1985/86). Na equipe diretiva, estavam Maria Bernardete Póvoas, Milton Luiz Valente e Leda Regina Secca.

D



Foto: acervo Udesc

FLAUTAS DOCE

Fundado em 2013, "Aulos: Núcleo de Flautas Doce da Udesc" é uma das ações do programa de extensão "Flauta Doce: performance e didática" do Departamento de Música. Coordenado pela profa. Valeria Bittar.



Foto: acervo Udesc

HUMAN FACTORS IN DESIGN

Revista do Programa de Pós-Graduação em Design voltada à interação humana e ergonomia aplicada ao design, semestral. Seu foco abrange interfaces, relações com objetos e organização do trabalho.

ECOMODA

Programa de extensão que desde 2005 propõe atividades para a comunidade a fim de promover a educação para a sustentabilidade na moda.



Foto: Gabrielle Otto

GAFE

Grupo de Fotografia Experimental do curso de Artes Visuais, com apoio do Projeto de Extensão Clube de Fotografia. Propõe-se a estudar e explorar técnicas fotográficas não convencionais.



Foto: acervo Udesc

INVENTÓRIO

Empresa Júnior de Design e Moda da Udesc que tem o intuito de desenvolver futuros profissionais através da vivência empresarial no decorrer do período universitário. Criada em agosto de 2008.



Foto: Mariana Torres



Foto: Sofia Melo

LUZ LABORATÓRIO

Fundado em 2000, o Luz Laboratório Cênico oferece suporte técnico e pedagógico em iluminação, sonorização, cenotecnia e tecnologias aplicadas à cena para docentes, discentes e comunidade artística.



Foto: acervo Inventário

JANDIRA LORENZ

Galeria de arte do Departamento de Artes Visuais da Udesc. Nomeada em homenagem à artista, pesquisadora e professora pioneira no DAV. A inauguração do espaço ocorreu em outubro de 2022.

KINCELER

José Luiz Kinceler (1960–2015) foi artista e professor do Ceart, com trabalhos de reconhecimento no país e no mundo. Dá nome ao Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler (FIK) da Udesc.

MODATECA

Acervo que desde 2003 preserva e estuda a história da moda por meio de peças, acessórios, fotos e documentos. Reúne doações, produções acadêmicas e criações de estilistas, contribuindo para a memória do traje em SC.

MADRIGAL UDESC

Grupo vocal de câmara criado em 2016. É formado por estudantes e egressos que cantam músicas de diferentes épocas. Vinculado ao programa de extensão Engenharia Musical da Udesc.

NUPA CEART

Núcleo de Periódicos do centro que tem a finalidade de incrementar a difusão acadêmica, em termos de viabilidade e impacto acadêmico, conforme diretrizes nacionais e internacionais.



Foto: acervo Udesc

PRAÇA DAS ARTES

Escultura em metal de autoria de Doraci Girulata (1994), localizada na área externa do Ceart. Fez parte das obras restauradas no projeto abordado na matéria das páginas 61-63.



Foto: Gustavo Henrique Gonçalves



Foto: acervo Udesc

OCTA FASHION

Evento anual que apresenta as criações desenvolvidas pelos formandos do bacharelado em Moda. Atualmente é o maior evento de moda autoral de Santa Catarina, mostrando ao mercado possibilidades criativas no desenvolvimento de produtos de moda e revelando novos talentos.



Foto: Luana Nienkötter

QUARTETO DE CORDAS

Projeto de extensão que interpreta obras de compositores da música erudita, com programa musical em estilos variados. Desenvolvido no Programa de Extensão "Fermento Cultural".



Foto: Gustavo Fidelis

SALA DE AULA EM CENA!

A Mostra Skholé de Artes Cênicas busca compartilhar processos artístico-pedagógicos entre estudantes e professores de escolas de Educação Básica em conjunto com a universidade. Saiba mais nas pags. 68-71.



Foto: Gabrielle Otto

URDIMENTO

Fundada em 1997, é a Revista de Estudos em Artes Cênicas. Publicação quadrimestral do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

ROSA TEATRAL

Desde 2017, a Mostra Rosa Teatral reúne pesquisadoras, artistas e estudantes. O evento apresenta espetáculos de teatro e dança, palhaçaria, palestras, performances, exposições e oficinas de introdução às artes cênicas.



Foto: Fernanda Ferreira

TIPOGRAFIA

Inaugurado em 2024, o Laboratório de Tipografia do curso de Design proporciona atividades de composição e impressão tipográfica manual, estabelecendo relações entre meios físicos e digitais que compõem conteúdos do currículo.



Foto: acervo Udesc

V VIOLINO/VIOLA, VIOLÃO, VIOLONCELO

Opções de instrumentos de cordas (friccionadas e dedilhadas) do Bacharelado em Música da Udesc. O curso também oferece a opção Piano.



Foto: Gabrielle Otto



Foto: Jonas Porto

W WORKSHOP

Evento prático e interativo focado no aprendizado e na aplicação de habilidades e conhecimentos específicos. Um exemplo é o "VR4SG: Design Participativo e Tecnologias Imersivas para o Ensino Superior", realizado em nov/2025.

X XADREZ

Estampa que já apareceu nas coleções do Octa Fashion (veja mais na letra "O"), como "Disritmia", de Luiza Souza, em 2024.



Foto: Octa Mag nº 11

Y YOUTUBE

Desde 2015, o Ceart possui canal na plataforma para compartilhar produções audiovisuais: youtube.com/udescceart

Z ZINE

Abreviatura para fanzine, é uma publicação artesanal que utiliza técnicas como colagem, desenho e escrita. Já foi tema de oficina em uma das edições do Ceart Aberto à Comunidade.

Saiba mais

Certamente no alfabeto cabem ainda mais coisas sobre o Ceart do que conseguimos destacar nessas poucas páginas. Por isso, confira outros termos e envie sugestões para esta seção no site:

 <http://udesc.br/ceart/az>

